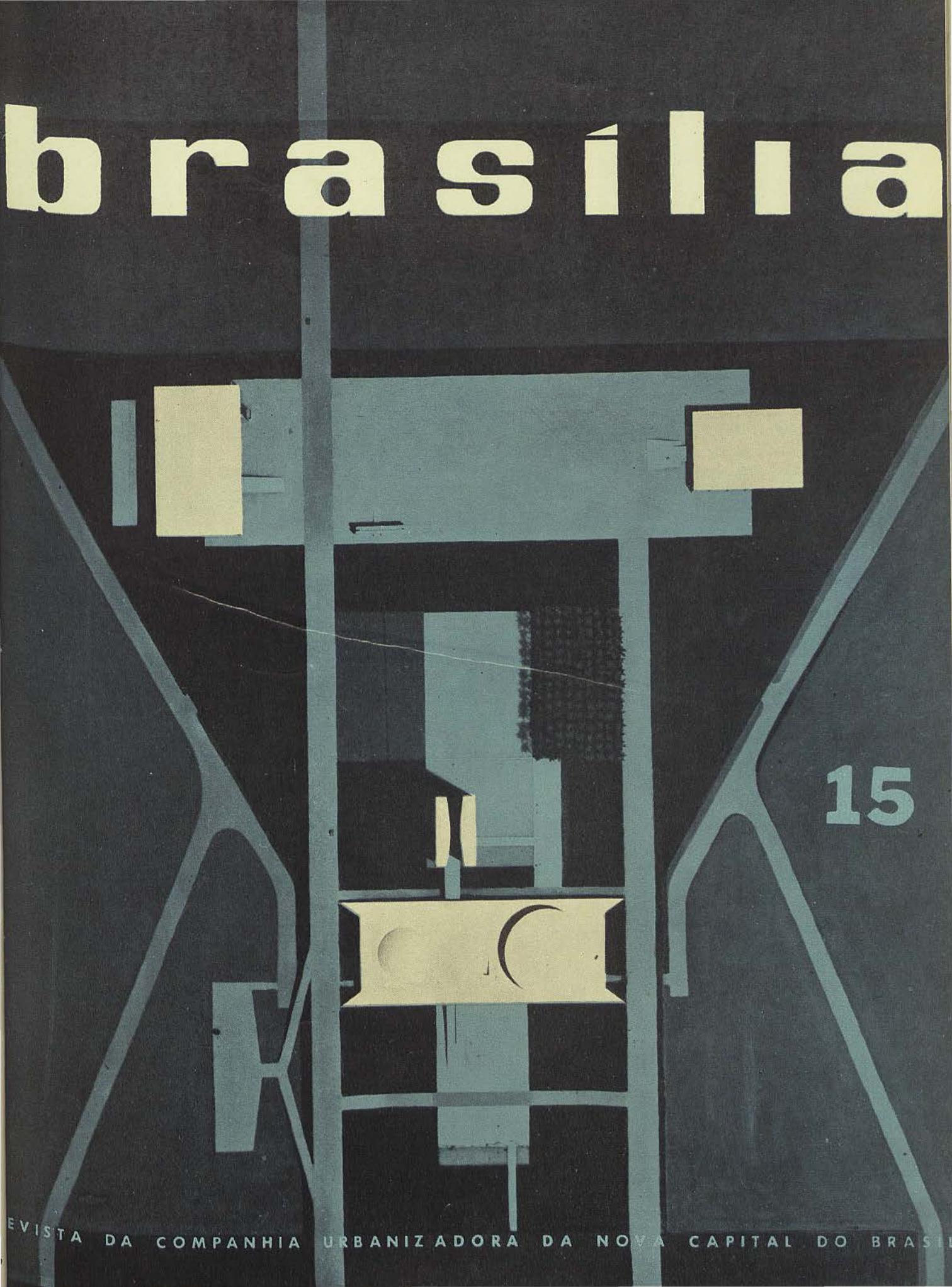
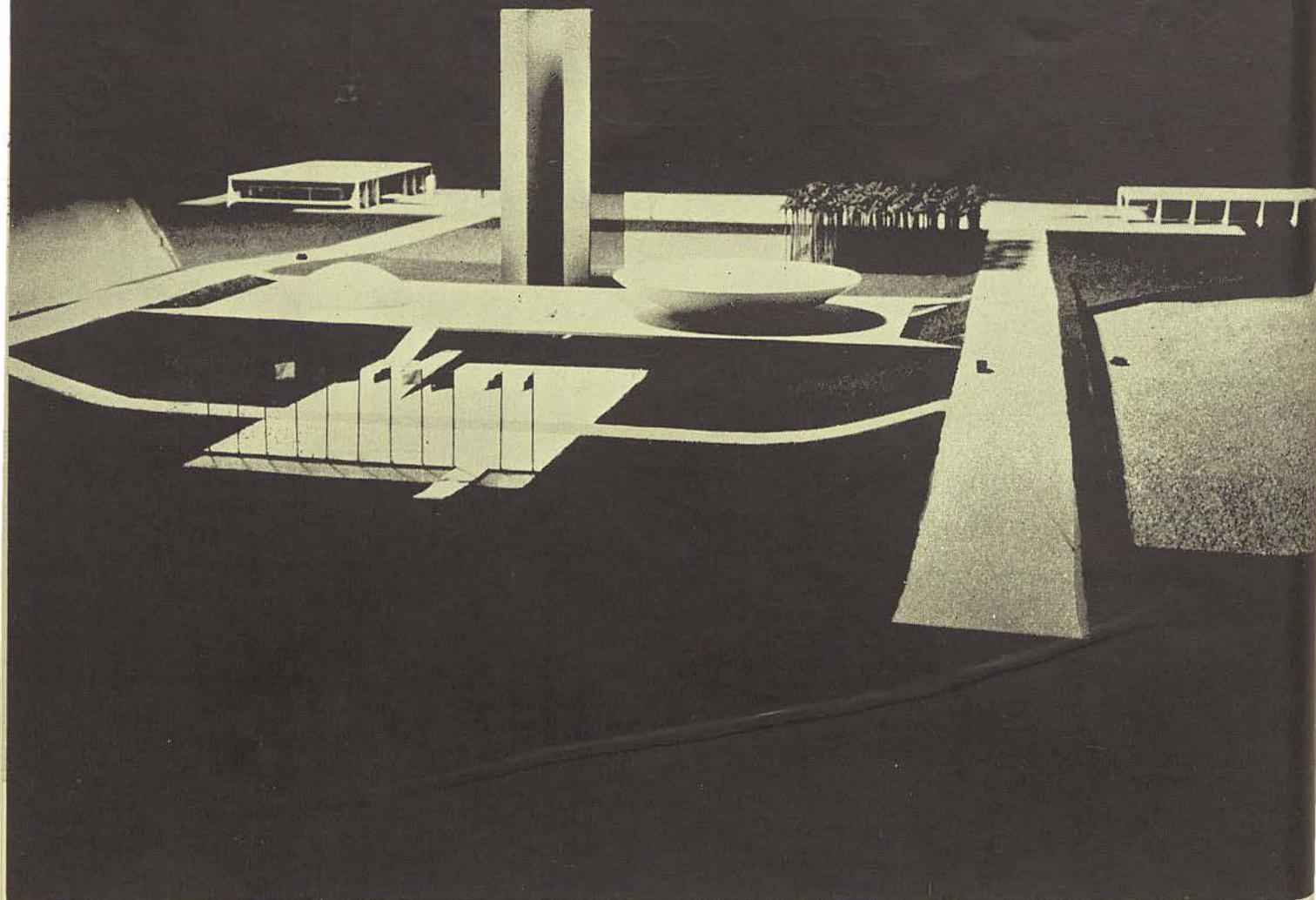


brasil



15



b. Direção: Nonato Silva
Layout e capa: Armando Abreu e Hermano Montenegro.
Publicação da Companhia Urbanizadora da Nova Capital do Brasil. Toda correspondência: Divisão de Divulgação da Novacap, avenida Almirante Barroso, 54 — 18.º andar. Telefone: 22-2626. Rio de Janeiro — Brasil.
Nossa capa — Maquete da Praça dos Três Poderes. Projeto de Lúcio Costa e Oscar Niemeyer.

Brasília: grandeza arquitetônica



Deputado Carlos Albuquerque

É sobre Brasília que quero dar o meu depoimento. Aproximando-me da futura Capital, verifiquei a interessante Cidade Bandeirante, cidade provisória, toda construída de madeira, onde se aglutinam o comércio, os bancos, os hotéis e outras dependências para aquela população que vive o pioneirismo da construção de Brasília.

De longe divisam-se os equipamentos das diferentes empresas construtoras, o majestoso Palácio da Alvorada, o Hotel de Turismo e, sobretudo, uma imensa área que sofre o ataque diuturno do mais completo, mais moderno e mais numeroso equipamento de terraplanagem jamais concentrado em qualquer ponto do território nacional.

Existem, trabalhando em Brasília, presentemente, cerca de quinhentas máquinas de terraplanagem. Estão sofrendo arremates de conclusão o Palácio da Alvorada, destinado à residência dos futuros Presidentes da República; o Hotel de Turismo, mais modernamente denominado Brasília Pálace Hotel, obras que serão inauguradas no próximo dia 3 de maio. Estão terminadas as mais importantes terraplanagens, como, por exemplo, da majestosa Praça dos Três Poderes, onde será localizada em cada vértice do triângulo equilátero — forma adotada para a composição urbanística daquela praça — a sede dos três Poderes da República.

Desejo salientar, com orgulho e satisfação, que o projetista da cidade de Brasília, o consagrado mestre da arquitetura e do urbanismo brasileiro, Lúcio Costa, deu, ao Congresso Nacional, a preeminência, o destaque, o vulto que, numa verdadeira democracia, deve merecer o Parlamento Nacional. A posição do futuro Congresso Nacional é soberba, é majestosa, é empolgante. Embora eu tivesse ido a Brasília tomado da melhor disposição e da melhor boa vontade, devo confessar que o que ali vi supera de muito tudo que imaginava.

As avenidas constantes do projeto já estão abertas; já estão iniciadas várias construções. Nestas condições a primeira etapa, prevista para a inauguração a 3 de maio, será alcançada.

Devo declarar, que não têm procedência as acusações de que aquela localidade não tem água; pedra, nem argila para tijolos. Vi funcionando a olaria e, o que é mais curioso, até agora não foram necessários tijolos, porque todas as construções são feitas pelo processo da armação metálica e quase tudo mais em vidro.

O clima de Brasília é verdadeiramente maravilhoso. Enquanto no Rio de Janeiro a temperatura atingia a 39° e 40°, a máxima em Brasília foi de 26° e a mínima de 15°. Às 19,30 horas, quando fizemos lauto jantar na companhia do simpático e digníssimo casal, Israel Pinheiro, a temperatura de Brasília era agradabilíssima — apenas de 20°.

Aquêles que me derem a honra de tomar conhecimento de minhas palavras, o empreendimento de Brasília pode merecer reparos e críticas. Poder-se-ia discutir sua oportunidade; poder-se-ia arguir, até agora, várias dificuldades; mas, no pé em que as coisas estão, todos os erros que porventura tenham sido cometidos serão muito menores do que qualquer medida protelatória, quer no sentido de retardar as obras, encarecendo-as e tornando-as mais difíceis de executar, quer, principalmente, se passasse pela cabeça de alguém paralizá-las. Isto seria impossível. Ainda hoje os jornais consignam trechos de um artigo publicado no respeitável órgão londrino, o "Times", em que o articulista considera a obra de Brasília coisa monumental e única no mundo. Compara-a a Camberra, Washington e Nova Delhi, para ressaltar a grandiosidade do projeto brasileiro.

Ao ilustre arquiteto Lúcio Costa, repito, autor do projeto felicíssimo, verdadeiramente inspirado de Brasília; ao arquiteto Oscar Niemeyer, projetista do Congresso Nacional, estendo neste momento esta homenagem. Ao ilustre Dr. Israel Pinheiro, que vem vencendo as mais inconcebíveis dificuldades para partir de onde não havia absolutamente nada para o que hoje está realizado.

a marcha da construção de Brasília

Os trabalhos da Novacap, na construção de Brasília, avançam sempre em ritmo acelerado. Mesmo em época do inverno, as obras tiveram andamento regular. O trabalho diuturno demonstra a constância dos dirigentes da Novacap e tudo indica que em 1960, a presidência da República estará confortavelmente instalada em Brasília, para vida e progresso constantes do país.

Palácio da Alvorada

O palácio da Alvorada recebe os últimos retoques.

A piscina que o embeleza está em fase de término.

Tudo leva a crer que no dia 31 de maio próximo, será solenemente inaugurado.

O serviço de concretagem da capela do Palácio já está muito adiantado.

A terraplenagem dos arredores do Palácio já foi regularmente concluída.

Hotel de Turismo

Dia a dia o Hotel de Turismo ganha tempo. Em fase final, ostenta toda a beleza, ao som da natureza que o cerca.

Congresso Nacional

Os trabalhos de fundações e estaqueamento do Congresso Nacional, continuam em marcha. As obras apresentam um avanço considerável.

O Eixo Monumental começa ser asfaltado.

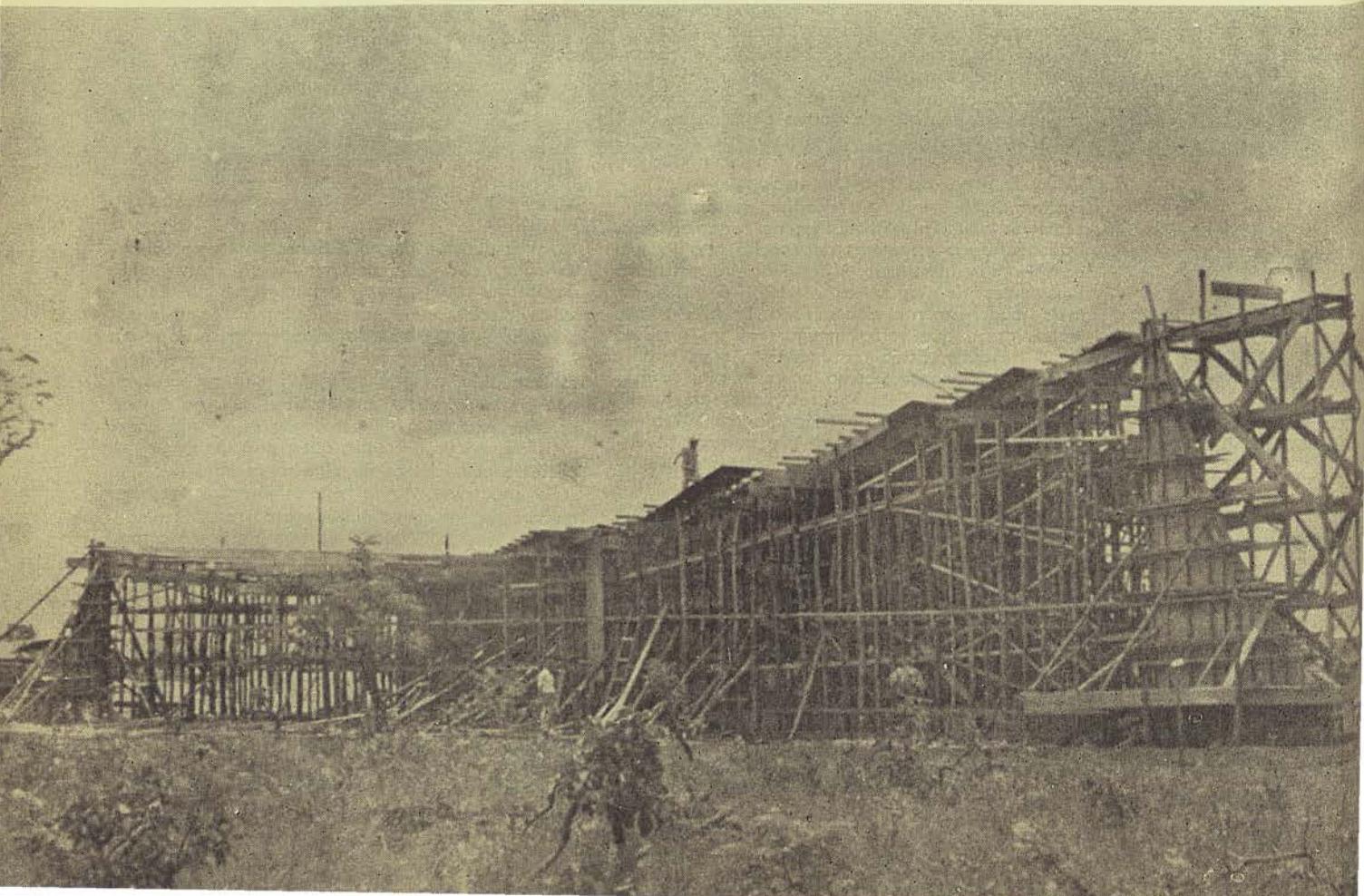
Ministérios

Os edifícios ministeriais já tiveram os primeiros serviços de sondagem. Sua construção iniciará-se em julho próximo, em estrutura metálica.

Rodovias

As rodovias internas e externas tomam o seu maior desenvolvimento. A pavimentação da BR-14, no trecho Brasília-Anápolis, última seus preparativos, para a inauguração no dia 31 de maio próximo.

Os Institutos de Previdência, a Fundação da Casa Popular e a Caixa Econômica Federal apresentam uma soma avultada de trabalhos de construção em Brasília.



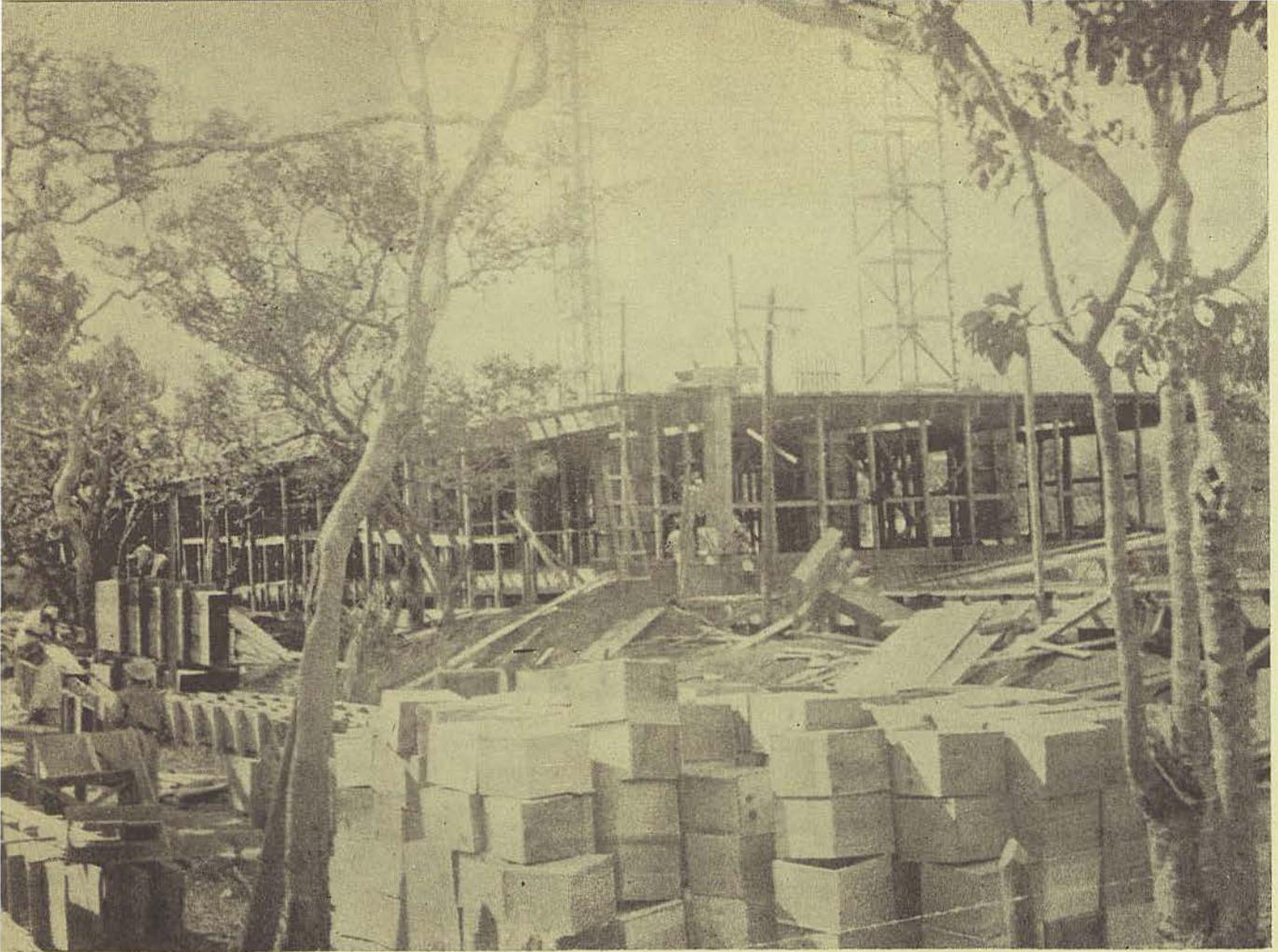


2

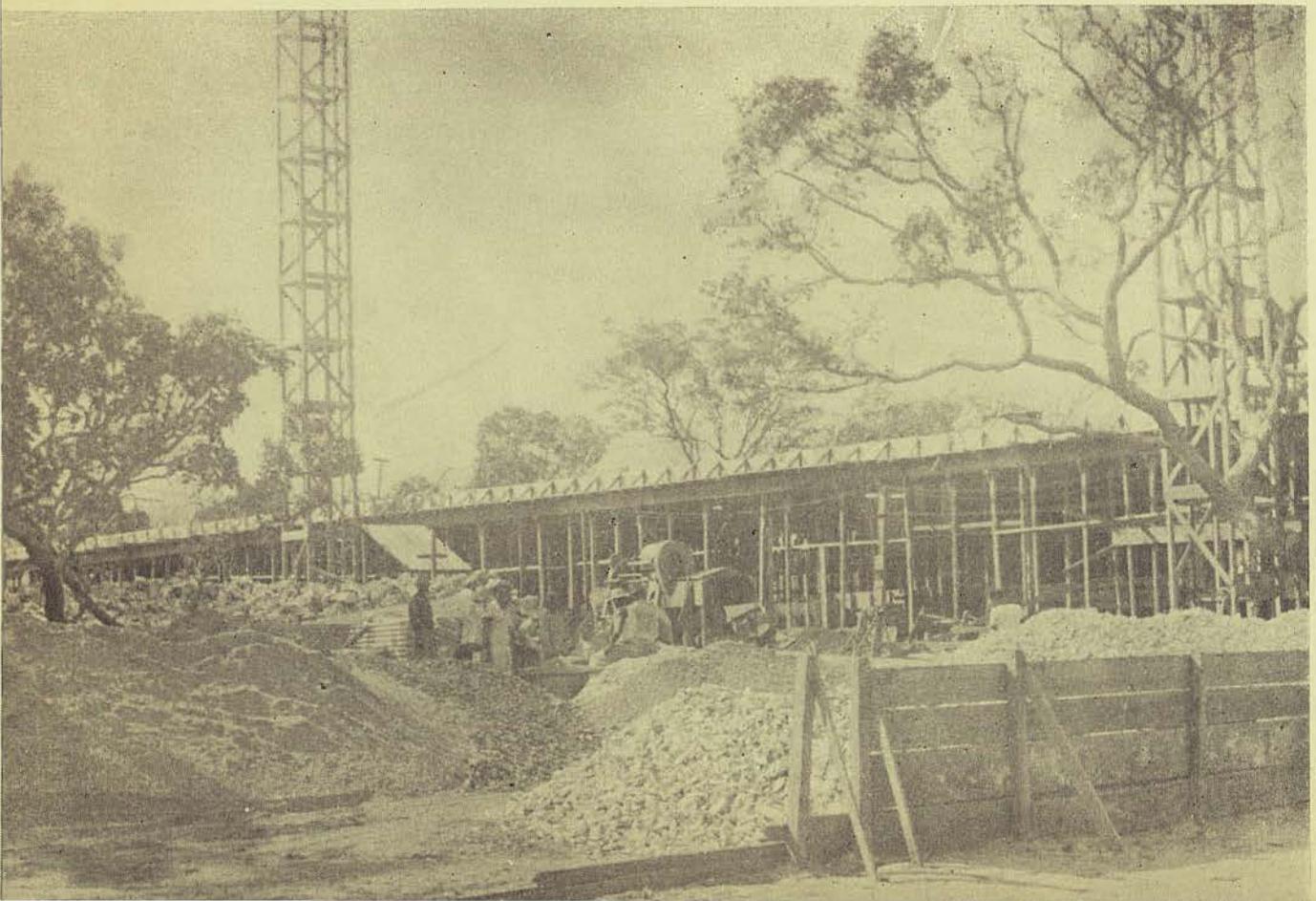
3



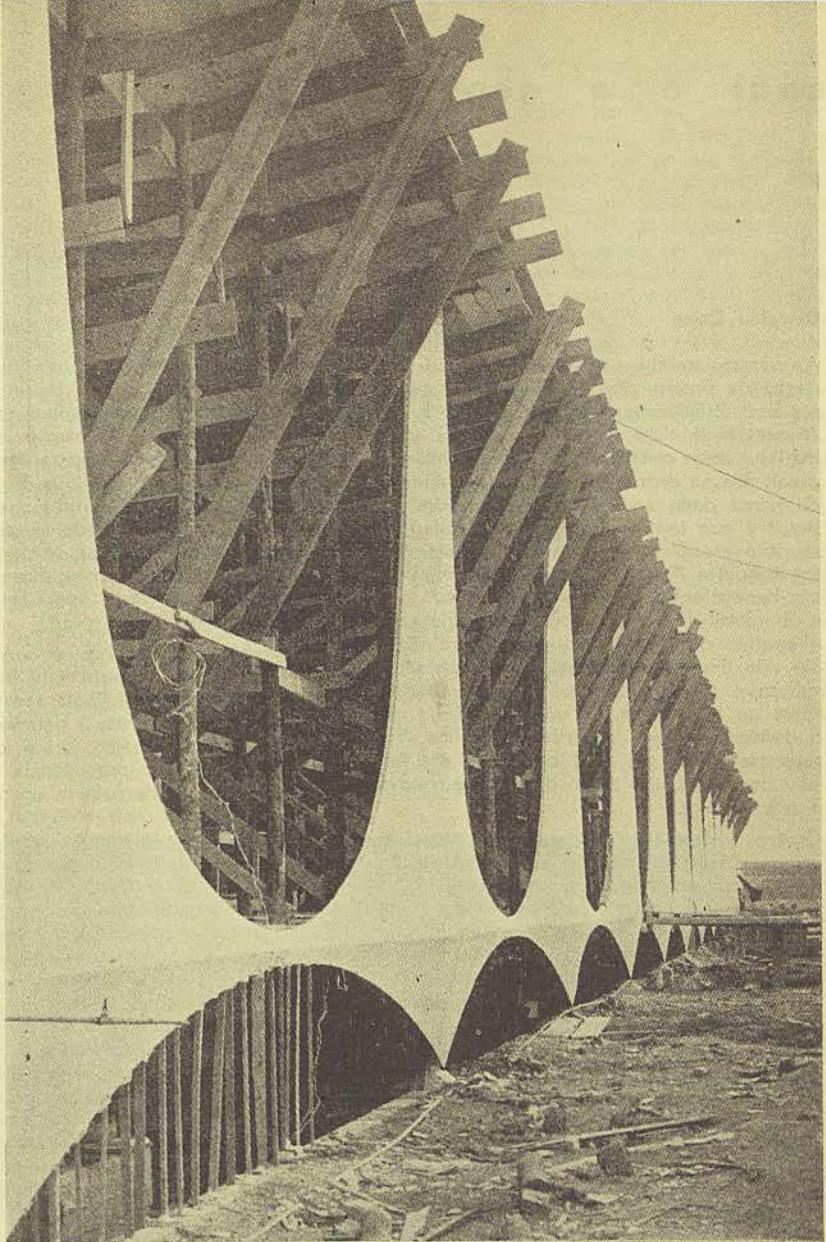
1. Capela de Nossa Senhora de Fátima, em construção.
2 - 3. Cobertura da Capela de Nossa Senhora de Fátima, antes do início da concretagem.
(Fotos de M. Fontelle).



4

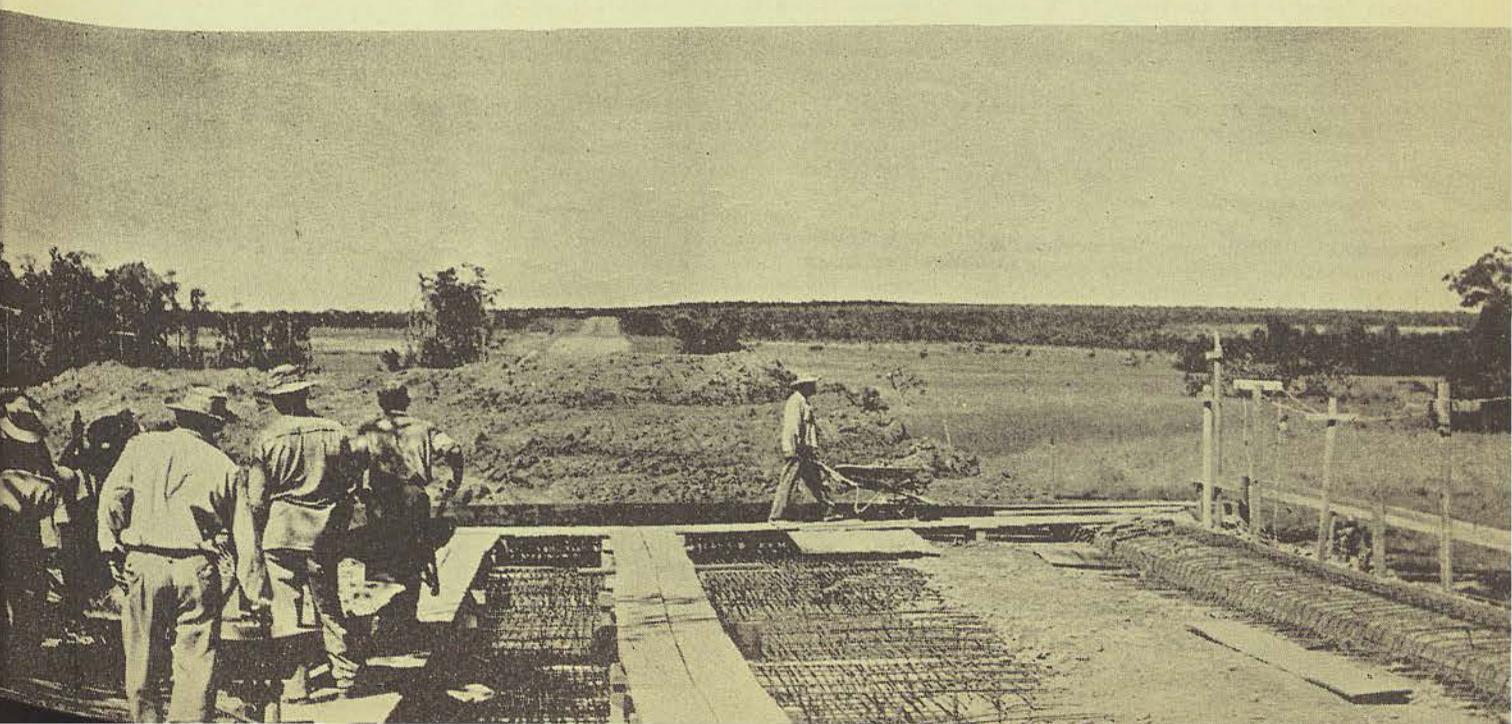


5



4 - 5. Vista de dois blocos do conjunto residencial do I.a.p.i., em comêço de construção.
6. Colunata do Palácio da Alvorada, vendo-se os andaimes para revestimento do teto.
(Foto de M. Fontenelle).
7. Ponte sôbre o Riacho Fundo na estrada Brasília-Belo Horizonte.
(Foto de M. Fontenelle).

6
7



qual é o gentílico de Brasília ?

Oswaldo Orico

As pessoas nascidas em Brasília que designação de ordem gentílica levarão em seus papéis? Brasileenses? Brasileiro?

A questão é clara do ponto de vista idiomático, mas controversa sob o aspecto usual. Ela se entrosca com o lado polêmico do nome dado aos indivíduos nascidos no Brasil e que tantas dores de cabeça deu ao saudoso etenólogo e primoroso artista que foi Roquette Pinto. O autor de "Rondônia", tão benevolente, em geral, com as coisas e os homens de seu país, não transigia com o apelido dos habitantes desta terra. Para ele não éramos brasileiros, como nos chamaram e nos chamamos, mas sim brasilienses ou brasilianos, porque êsse devia ser o derivado correto de ordem gentílica. Em seus trabalhos, em seus estudos e até em suas conversas, era assim que êle se tratava e nos tratava.

Contra a formação da palavra natural e exata, construída com o sufixo adequado, prevaleceu, entretanto, o uso. Brasileiro, o homem que se ocupava de explorar o pau-brasil, venceu na prática o vocábulo que devia acertadamente designar o cidadão aqui nascido. A morfologia gramatical ce-deu lugar ao hábito, à tradição. E o sufixo que expressaria logicamente a origem geográfica foi vencido pela desinência indicativa do teor profissional. Essa a razão pela qual somos brasileiros, em vez de brasilienses. Com a conformação de todos. Ou quase todos. Menos do saudoso professor Roquette Pinto, que nunca nos perdoou a passividade da denominação. Se o indivíduo nascido no Amazonas é amazonense; no Pará, paraense; no Maranhão, maranhense; no Ceará, cearense; no Rio Grande, riograndense, e assim por diante, por que haver abandonado o derivado gentílico que devia caracterizar corretamente a nossa raiz geográfica?

Se a ciência nos acusa, a tradição nos absolve. Também os habitantes de Minas Gerais carregam nos ombros ou nos papéis forenses a mesma culpa. Nem por isso estão desgostosos de serem chamados mineiros (por analogia com a profissão dos seus ancestrais da mineração), em lugar de minenses, que seria o gentílico lógico. Lógico, mas feio e de mau gosto. Em tempos idos ensaiou-se uma expressão para designar os indivíduos nascidos em Minas Gerais: geralistas. Não pegou. E com razão. No caso dos cidadãos nascidos em Brasília, chegamos ainda a tempo de prevenir os desacertos ou batismos de fonte duvidosa ou equívoca.

Brasília não é só o feminino de Brasil como ocorreu à pena do professor Júlio Nogueira. É o próprio nome do país em sua forma latina, como se pode ver no mapa de Waldseemüller.

De Brasília decorrem dois derivados de ordem gentílica brasiliense e brasiliano. Ambos abonados por um sufixo indicativo da

naturalidade. Tratando-se, porém, de cidade e não de país, temos de ir buscar na analogia nacional o que melhor se enquadre em nossa tradição. E o caso que nos vem logo à mente e que se ajusta às mil maravilhas ao nosso problema é o de São Paulo, que adotou para sua Capital o mesmo nome do Estado. Na generalidade, os que nascem em qualquer ponto dessa unidade geográfica são paulistas; e os nascidos na Capital, a que também se dá o nome de Paulicéia, são paulistanos.

Brasilienses ou brasilinos devem ser chamados os que nasceram em Brasília. De preferência brasilianos, pela formação mais simples e despresticiosa à palavra. O sufixo ense, elemento mórfico latino designativo de naturalidade ou procedência, dá algumas vezes à raiz da palavra um ar pretencioso e enfeitado, que repugna à maioria; ao passo que o elemento vernáculo ano formador de adjetivos que trazem a idéia de naturalidade ou nacionalidade, torna-os comuns. Se amanhã alguém apresentar seus termos mais acessíveis à aceitação e uso documentos de identidade com esta especificação — brasileiro brasiliano — não usará de redundância, porque estará apenas especificando o país e a unidade em que nasceu, como acontece com as pessoas nascidas em São Paulo, que se permitem reforçar a naturalidade ao escrever paulista paulistano, qualificando assim, com a cidade de nascimento, o estado de origem. Há uma palavra, porém, que pode derrubar tôda essa estrutura gramatical, ameaçando tornar-se o termo preferido para designar as pessoas nascidas na Nova Capital: brasilino. É mais nome de gente do que designação de origem; tem a seu favor, porém, a popularidade resultante da campanha movida pelo jornalista David Nasser contra a fundação de Brasília. Excedendo-se nos ataques ao empreendimento governamental, o repórter apanhou o termo que lhe parecia mais adequado ao ridículo de uma campanha publicitária. Para exprimir a firmeza, a obstinação, a teimosia do Presidente em levar por diante a empresa, recorreu a um termo que lhe parecesse caricatural e soasse com Juscelino. Esse termo foi: brasilino. Ino é um elemento designativo de diminuição, pertença, relação. Com o vocábulo pensou o jornalista ironizar o Chefe de Estado e todos aquêles que colaboram decididamente em sua equipe, emprestando à palavra um caráter agressivo. Nesse caráter porém, pode estar a semente que popularize o vocábulo, dando-lhe a sanção para o uso. O povo é caprichoso e gosta de obedecer mais aos seus gostos e preferências do que às regras de morfologia. E como, em última análise, é êle que faz a língua, ninguém se surpreenda se, amanhã, em vez de brasiliense e brasiliano, os habitantes da Nova Capital reivindicarem para si e seus descendentes o nome de brasilinos, repetindo o caso dos habitantes do País, que aceitaram coletiva-

mente o epíteto de brasileiros, aplicados aos nossos avós que faziam o comércio do paubrasil, exercendo a profissão lucrativa de madeireiros. A lei do menor esforço pode desempenhar papel preponderante no batismo dos habitantes da Nova Capital. Brasilino é mais fácil de pronunciar do que brasileiro. Embora seja este o gentilico justo e aquele um antropônimo de circunstâncias, a reação do povo pode manifestar por ele sua preferência e aceitá-lo por desdique, elegendo-o em revide às intenções com que quiseram marcá-lo.

Se Brasília é um ato de coragem, o nome de seus habitantes pode ser outro.

Em sua marcha para o futuro, nosso idioma vai abandonando compromissos com as fontes gramaticais e com a todonímia tradicional, para substituir e pôr em uso vocábulos resultantes de fatos históricos, sobrevivência e resíduos do seu processo de evolução.

Na linguagem falada já ninguém chama aos habitantes de Santa Catarina catarinense, mas "barriga-verde"; aos do Estado do Rio, fluminense, e sim "papa-goiaba"; aos do norte, nortistas, mas "paus de arara"; aos do Rio Grande do Sul, riograndenses, e sim "gaúchos".

Palavras que tinham ontem um sentido apresentam-se agora com outro significado. Todos os generais de agora aspiram ser marechais esquecidos de que esse ápice da carreira militar designava ontem um simples ferrador de cavalo. Todo político sonha com uma pasta de ministro, deslembado de que esse título, hoje tão atraente e requestado, indicava apenas aos servos, pessoas de profissão humilde e resignada. Só a Igreja guarda ainda fidelidade à palavra na expressão "ministro de Deus".

O uso altera a seu belo prazer o conteúdo dos vocábulos, dando-lhes, às vezes, tonalidades diversas de sua origem. É o caso de "corneta", que perdeu a idéia da matéria que a gerou, podendo hoje ser fabricada de latão, sem conflitos com a espécie primitiva. Ou de "novena", que se estende, a trinta dias no calendário das obrigações religiosas.

Todos esses precedentes podem influir na escolha da palavra que venha a designar as pessoas nascidas na Nova Capital. Dos gentilicos sugeridos, qual o que vingará? Brasiliense? Brasileiro? Brasilino? Os gramáticos fazem as regras mas é o povo que tem voz no capítulo.

8. Corredeiras do rio Paranoá.



arquitetura e urbanismo

Urbanismo — Lúcio Costa

Arquitetura — Oscar Niemeyer

Sir William Holford, um dos mais conceituados urbanistas do mundo, membro do júri que julgou o Plano Pilôto, endereçou ao Presidente Israel Pinheiro uma carta cuja tradução literal é a seguinte :

Doutor Israel Pinheiro

Respostas a sete perguntas relativas ao projeto para a Nova Capital do Brasil.
18 de março de 1957.

1) Como é possível julgar uma competição desta envergadura em apenas alguns dias? e qual a sua experiência e tarefas desta natureza?

Resposta : O modo como eu compreendo este concurso é que ele é um concurso de idéias e não de detalhes. Nenhum arquiteto, firma ou companhia pode preparar, nesta fase, um plano de trabalho definido que abranja detalhes econômicos e sociais e custo real. Portanto, as condições de concurso exigiam somente um esboço do projeto e um memorial ilustrativo das idéias do concorrente. Isto era compulsório. As condições também previam a apresentação de quaisquer outras sugestões e informações que pudessem ser úteis à Companhia, aproveitamento do local, reservas, detalhes técnicos sobre quantidade de água etc. etc. Esta parte não era obrigatória.

Assim sendo, ao julgar os concorrentes, o júri teria de aproveitar a idéia que parecesse prometer a melhor e mais imaginativa base para uma cidade que ainda vai ser construída e que será a Capital do País. Este é, provavelmente, o problema de maior significação no urbanismo do século XX. É importante para o Brasil e é de imensa tração para o resto do mundo.

Uma idéia cheia de imaginação para uma cidade deve ter unidade; não pode ser meramente um ajuntamento de pequenos projetos, num mapa do local. Todos os grandes planos são fundamentalmente simples. Podem ser compreendidos à primeira vista; não somente por arquitetos, mas por todos. Desde que eles são concebidos, tornam-se inevitáveis; ao vê-los, todos dizem : natu-

ralmente ! Porque eu não pensei nisto?

Veja-se, por exemplo, a Praça da Basílica de São Pedro, em Roma, ou o projeto de Miguelangelo para o Capitólio ou o Plano da Cidade elaborado no tempo do Papa Xisto V; ou veja-se o aspecto central de Washington do topo do monumento; e o projeto de Wrevis para a Cidade de Londres (1666); ou o plano de Le Corbusier para St. Dié; todos eles e os próprios projetos levados a efeito podem ser compreendidos imediatamente. Quanto mais são estudados, tanto mais se gosta deles, mas não se muda de opinião sobre o valor do plano. Uma idéia que não se possa transmitir não tem nenhum valor; uma idéia que seja capaz de atizar uma cadeia de idéias subsequentes é a coisa mais valiosa na civilização. E isto é que o júri tinha de procurar na competição para a Nova Capital.

Para achá-lo foram precisos 5 dias de trabalho intenso; ter-se-ia podido fazê-lo em menos tempo se não fôsse a necessidade de termos de ler os relatórios; e alguns, vassalados em português requeriam a ajuda de tradução. Vários havia também em inglês felizmente para mim.

Os projetos para a cidade, em si, eram fáceis de entender e o nível cultural da sua apresentação bem elevado. Se vemos uma bela mulher ou uma bela pintura não demoramos muito para decidir se gostamos ou não.

Quanto à experiência que eu pessoalmente possuo em assuntos desta natureza e de tal monta, devo dizer que venho julgando relatórios e plantas há mais de vinte anos — desde a minha nomeação para o cargo de professor de Planejamento Urbano em 1935. Tenho sido assessor e consultor do Ministério de Planejamento e Habitações e do Escritório Britânico para as Colônias; também da Cidade de Londres, do Condado de Cambridge, da Associação da Nova Cidade de Corby.

Fui membro do Conselho Municipal de Pretória (África do Sul) e do Governo Sul Africano nos trabalhos de Arquitetura e Planejamento da Capital Administrativa.

Fui autor de um Relatório para o Governo Federal da Austrália no Desenvolvimento dos Recursos Regionais da Austrália e da Tasmânia.

Projetei e dirigi a construção dos primeiros parques industriais e das habitações coletivas de trabalhadores sob o regime das Leis da Indústria na Inglaterra, de 1935 em diante. Planejei, projetei e dirigi os melhoramentos das Universidades de Liverpool e Exeter, na Inglaterra e durante 12 anos tenho sido membro da Real Comissão de Belas Artes que está encarregada de aprovar todos os projetos de interesse público na Inglaterra e Wales, que são considerados que tenho larga experiência no estudo de planos e projetos e que meu maior interesse é a relação entre projetos arquiteturais e de engenharia de um lado, e urbanismo, de outro.

2) Porque considera o projeto do sr. Lúcio Costa o melhor entre os que foram apresentados?

Resposta : É a idéia melhor para uma Capital unificada e a contribuição mais interessante e significativa que já foi feita neste século para a teoria moderna do urbanismo.

É verdade que a apresentação é mais na forma de um esboço e não se acha completada por uma estrada ou algum plano habitacional fora da Cidade em si ou para o Distrito Federal; mas mostra o que é necessário saber e o relatório não contém uma só palavra desnecessária. É uma obra de arte de imaginação dirigida, a qual pode ser desenvolvida, passo a passo, à medida que o programa estrutural e o social sejam expandido. Este é o núcleo que pode criar uma reação em cadeia que se estenda sobre todo o campo de operações da construção de Brasília.

Alguns dos pontos interessantes nos planos do Sr. Costa são os seguintes :

a) De onde quer que se esteja na Cidade e qualquer que seja a direção de onde se

vem, o conjunto pode ser apreciado em seu todo majestoso. É simples, prático, fácil de compreender.

b) O ponto mais alto na cúpula pouco elevada da região, simboliza com sua torre de televisão, um centro de comunicações universais; é, também, um símbolo dos Estados Unidos do Brasil e inclui uma área para exposições públicas, restaurantes e um mirante para observação panorâmica.

c) Dois terços da população viverão em quadras autosuficientes ou unidades urbanas que se acham cercadas de ruas residenciais e uma faixa de árvores que podem ser plantadas desde muito cedo. Há, portanto, uma disciplina urbana geral e ordem na disposição, mas no interior de cada quadra pode haver uma variação ilimitada e bastante isolamento. As quadras podem ser separadas como outros tantos núcleos de construção e, se algumas forem deixadas completamente vazias nos primeiros anos da Cidade, ainda não darão a impressão de um deserto.

d) Cada setor da Cidade tem o seu lugar certo e um setor leva, naturalmente e de forma muito imaginosa, ao setor seguinte. Assim, a residência presidencial está protegida pelo lago e por uma reserva natural. em seguida vem o centro executivo e o legislativo olhando em uma direção para a Ci-

dade e, na outra direção, para o campo. Depois vêm os Ministérios e Edifícios Públicos e a Catedral com o Parque no centro. Mais além, os setores comerciais e retalhistas, com circulação de pedestres e de veículos inteiramente separadas, ruas em dois níveis e muito espaço para estacionamento. Depois ainda, o centro, a área da RV, o Centro Cívico de Transportes. As residências coletivas estendem-se do centro da Cidade em duas grandes alas. As residências individuais estão em terreno mais baixo, de frente para o lago.

Eu diria, em resumo, que este projeto evidencia uma grande experiência e uma imaginação arquitetural que se projeta no futuro.

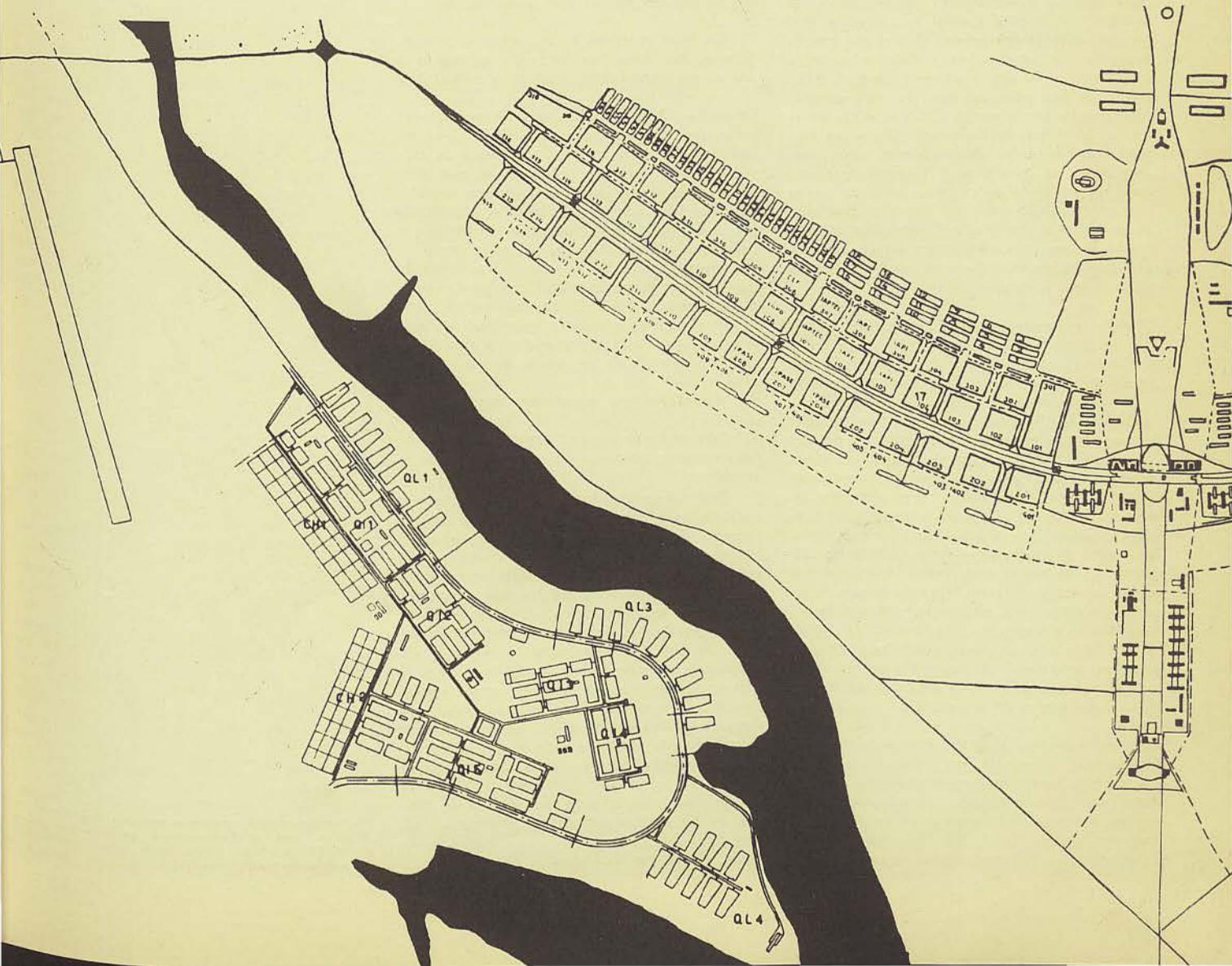
3) Quais as vantagens do projeto que ficou em 2º. lugar?

Resposta: Na minha opinião este projeto mostra muito menos experiência do que o primeiro. Também, iria precisar de modificações na prática, particularmente na posição e natureza do Centro Comercial fechado, com suas ruas de mão única como foi ali sugerido.

Mas o plano também tem unidade e se acha repleto de idéias — especialmente no que

9. Zona residencial à margem do lago, dando uma idéia de sua localização no Plano Piloto, de Lúcio Costa, em relação ao braço principal e à Praça dos Três Poderes.

9



toca à parte residencial colocada, em tôdas as situações favoráveis, em volta do lago. Algumas dessas idéias são complementares daquelas do projeto vencedor, mas não combinam com a mesma eficiência. Quer dizer, elas não servem para completar uma Capital. Os centros de Transportes e Hotéis, o sistema de grupos vizinhos, o agrupamento das casas de apartamentos na península norte — tudo isto são modalidades que a Companhia poderá considerar úteis quando o projeto vencedor venha a ser executado.

4) Porque não premiar todos os projetos apresentados, ou pelo menos os 10 melhores, entre os 26, de modo que os seus autores pudessem colaborar com os seus conselhos à Companhia?

Resposta: Não haveria vantagem em ter-se um concurso, se todos os competidores, das mais diversas qualidades, tivessem de ser igualmente premiados pela Companhia. Presume-se que os julgadores foram escolhidos para eleger as melhores idéias. Si se tratasse simplesmente, de escolher dez temas agradáveis como num concurso de beleza — os julgadores poderiam facilmente dizer: "Eis aqui dez lindas cousas; achamos difícil decidirmo-nos entre elas — escolhei-as vós mesmos". Mas o júri, neste caso, tinha recebido a incumbência de fazer tal escolha. Negligenciar o seu valor, levaria a confusão, porque não se pode esperar que os concorrentes chegassem a um acôrdo, entre eles exceto naqueles pontos em que eles já pensassem do mesmo modo. Projetos são, geralmente, elaborados individualmente ou por pequenos grupos; execução se faz pela colaboração, sob direção interessada e unida. Se a Companhia aceitar o conselho da Comissão Julgadora deverá ter liberdade, depois disto, para chamar todos os arquitetos e técnicos que demonstraram ter alguma coisa para dar como sua contribuição para a Nova Capital. Não se pode pretender que a Companhia desempenhe o seu trabalho com uma comissão até que haja decidido quais os projetos de valor e quais os que não o tem.

5) Quais foram as suas impressões gerais do concurso?

Resposta: O concurso revelou um padrão muito elevado. É uma das mais difíceis tarefas da civilização fazer uma boa cidade; e eu fiquei impressionado com a grande quantidade de concorrentes que demonstraram mais do que unicamente capacidade arquitetônica. Um dêles, por exemplo, a firma M. M. M. Roberto e seus colaboradores, apresentou a mais detalhada e compreensiva proposta para uma Cidade na sua própria localização que, tanto quanto me é dado saber, jamais foi trazida a um concurso público. As propostas submetidas a julgamento deram dois resultados: 1) idéias e dados sôbre as perguntas relacionadas com os problemas de agricultura, planejamento rural, organização social, engenharia, custos de execução e contrôle de planejamento.

A maioria dêstes assuntos não pode ter um julgamento adequado, no presente momento, porém, os de maior interesse foram recomendados à Companhia para estudo posterior; e, de acôrdo com as condições, foram premiados.

Em suma, o concurso produziu exatamente

o que dêle se esperava na presente fase, uma ou duas grandes idéias para a forma e o caráter da Nova Capital e muitas outras idéias secundárias para as suas necessidades e amenidades e para o desenvolvimento da região em tôrno dêle. Em ambos os aspectos foi de grande sucesso.

6) Qual foi a sua impressão geral do local da Nova Capital?

Resposta: O local precisa ser visto tanto de terra como do ar para ser devidamente apreciado. Nenhuma fotografia ou mapa pode dar uma idéia da grandeza e amplitude da corôa de terras, rodeadas por três lados por cursos d'água e lagos futuros, e dando a impressão de uma circunferência perfeita formada pelas colinas longínquas.

Do ponto de vista técnico, a melhor qualidade da região é que tem suficiente movimentação e diferenças de níveis para quebrar a monotonia, mas não tanta que produza problemas de engenharia ou custo elevado de execução, como no Rio de Janeiro. Tanto a atmosfera quanto a água parecem puras e frescas. Com a aplicação científica de água e material orgânico, deve ser simples plantar árvores ornamentais e arbustos e criar parques de várias naturezas pelo plantio sistemático na Cidade, a fim de gerar reservas naturais e florestais. O aeroporto internacional já dá uma boa idéia do tamanho e significação da Nova Capital e dos largos horizontes que a mesma terá.

7) De que maneira o Sr. prevê a importância da Nova Capital para a região e como se poderá controlar-se a expansão?

Resposta: Não acredito que se possa projetar uma Capital para ser indefinidamente aumentada. Se o centro, o sistema de tráfego, e os parques e edifícios públicos, foram adequados para uma futura população eventual entre meio milhão a seiscentos mil habitantes, eles serão insuficientes para um milhão ou um milhão e meio. Portanto, deverá haver uma certa limitação do crescimento na Capital, tão logo ela atinja o seu tamanho ideal. E futuros centros, particularmente de indústria e agricultura devem ser estudados de maneira a agir como satélites e cidades de apoio dentro da região.

As características essenciais dos satélites são:

1) Que sejam independentes em relação às necessidades normais de vida, recreação e trabalho;

2) Que sejam ligados à cidade matriz por estradas que permitam boa e rápida comunicação, para dispor de facilidades que só as grandes cidades podem prover como sejam universidades, teatros de ópera, comemorações públicas, instituições nacionais, repartições públicas, etc.

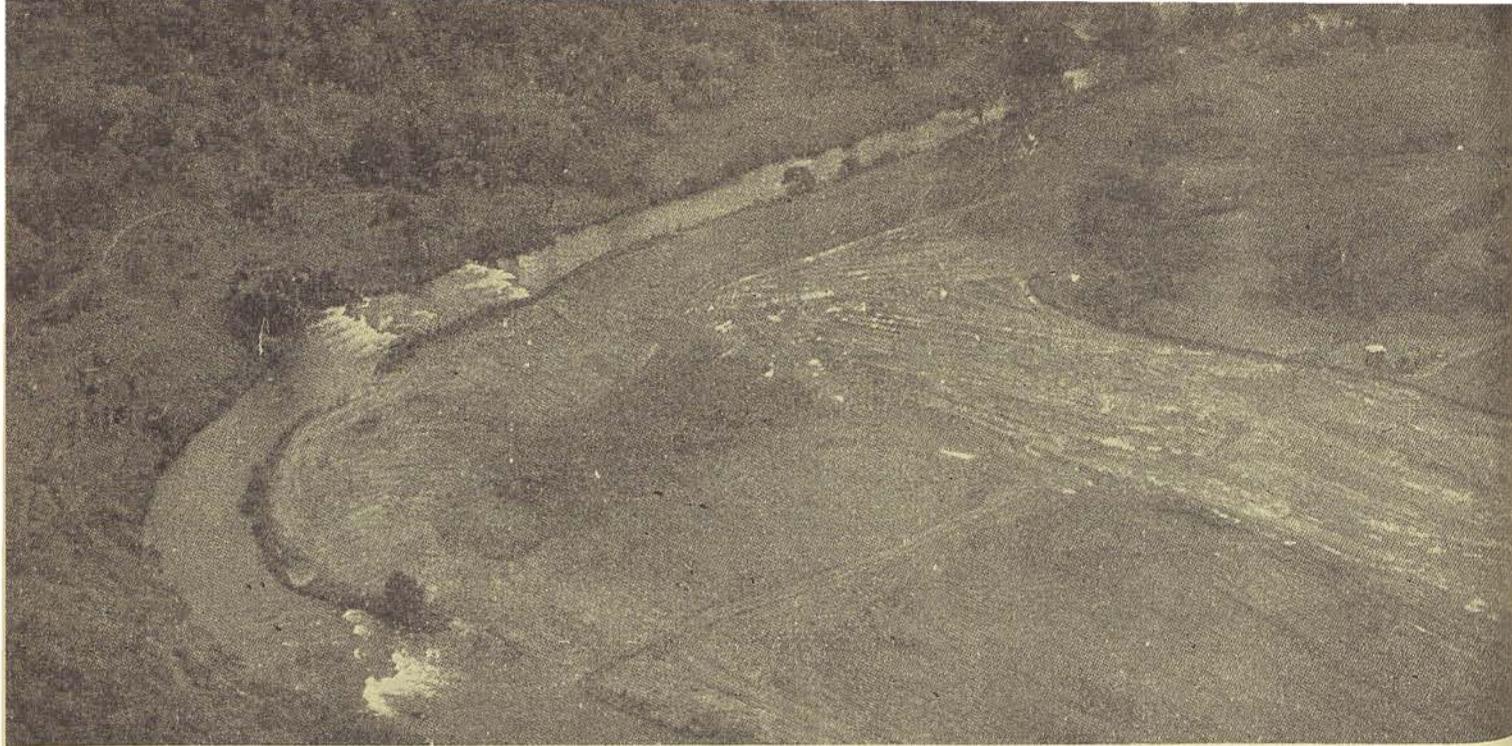
Como em tôda a parte, num país do tamanho do Brasil o maior problema é o de transporte de gente e mercadorias.

Eficiência econômica exigirá uma região motorizada, com boas estradas cuidadosamente selecionadas, em vez de um sistema esparido de estradas, de valor mais ou menos problemático. Por esta razão a região deveria ser eficientemente controlada e não se deve permitir que se desenvolva de forma muito livre em tôdas as direções.

(Ass.) William Holford

10. Levantamento aerofotogramétrico das obras Brasília, com o delineamento perfeito do br esquerda do Plano Piloto, onde estão localizadas as super-quadradas. (Geofoto).





Brasília, sonho de S. João Bosco, realização de Juscelino Kubitschek

Prof. Antenor Nascentes

Na segunda metade do século XIX, o salesiano Padre João Bosco, levado hoje à glória dos altares, sonhou que pelo meado do século XX havia de criar-se um grande foco de civilização entre os paralelos de 15 e 20° do hemisfério austral.

O fato consta do volume XVI das Memórias do Santo.

Pois bem, na época marcada e no lugar marcado, o atual Presidente da República fundou a cidade de Brasília, para onde se vai transferir em 1960 a capital do nosso país.

O Dr. Juscelino transformou em realidade o sonho de S. João Bosco.

Fala-se muito em Brasília, principalmente mal.

Pessoas que nunca puseram lá os pés dizem coisas incríveis em que a credulidade humana, quase sempre voltada para o mal, acredita piamente.

Tive vontade de conhecer Brasília neste período embrionário, como fiz com Goiânia, para depois comparar com a cidade quando construída.

Fui lá e voltei maravilhado com o que pude ver!

A cidade fica num planalto coberto por um cerradão. Possui ligeiras ondulações (que saudades do Corcovado e do Pão de Açúcar!) Num ou noutro ponto há pequenas florestas (que saudades da Tijuca!) Mas a falta de morros pode ser suprida. Paris não tem morros mas tem a Torre Eiffel. A falta de florestas vai ser remediada com o florestamento.

Para sua construção foi aprovado o plano-pilôto do arquiteto Lúcio Costa, mestre de arquitetos.

Plano simples, que cativou imediatamente os juizes do concurso: um avião.

A fuselagem constitui o eixo monumental da cidade; as asas, os bairros. No encontro da fuselagem com as asas, o centro de animação urbano.

O eixo tem oito quilômetros de comprimento sobre 240 metros de largura (três vezes a Avenida Presidente Vargas), com quatro pistas asfaltadas.

Há cinco quilômetros do nariz do avião fica o Palácio da Alvorada, residência do presidente da República, o qual ficará pronto em maio deste ano. Não longe do Palácio, o Hotel de Turismo, com estrutura de aço de Volta Redonda, quatro andares, 200 metros de comprimento de fachada; ficará pronto juntamente com o Palácio.

No nariz do avião fica a praça dos Três Poderes, com o Palácio do Planalto, o do Congresso e o do Supremo Tribunal. Mais adiante a Catedral. Brasília será um arcebispado, com provável cardinalato.

Perto desta praça, se ergue o cruzeiro levantado pelo general José Pessoa, primeiro organizador da nova capital. Do cruzeiro se aprecia um horizonte de 360°. Admirável!

Assim como o eixo, os bairros já estão delimitados. Serão ajardinados, contendo cada grupo seu mercadinho, sua escola, sua capela. O lapi, o lapc, o laptc e outras autarquias já compraram seus bairros. Além do Palácio da Alvorada e do Hotel de Turismo, já se estão erguendo as quinzentas casas pequenas da Fundação Popular. Por enquanto só se vêem movimentos de terra, como por exemplo o do preparo do terreno para a estação ferroviária.

Há três aeroportos, dois pequenos, um perto da residência presidencial provisória, o chamado Catetinho, e outro junto ao cruzeiro do general. O terceiro, com ótima pista de 2.400 metros, permite a aterrissagem e a decolagem de qualquer tipo de avião, devendo a pista atual ser aumentada

para 3.300 e devendo ser construída outra com o mesmo comprimento.

Os principais pontos de referência são os seguintes: o aeroporto, o Catetinho, o acampamento da Novacap (nome da Companhia Urbanizadora da Nova Capital do Brasil) e o núcleo bandeirante.

O Catetinho é uma pequena construção de madeira, alta do solo, com uma sala e cinco quartos, três para o presidente e família e dois para hóspedes ilustres. Projeto do grande Oscar Niemeyer.

Perto fica a fazenda do Gama, a única construção existente no local antes da fundação de Brasília.

O acampamento da Novacap apresenta grandes barracões com escritórios, oficinas, alojamentos dos engenheiros, etc.

Durante o dia todo é um formigar de gente de um lado para outro, lembrando uma colmeia em atividade. Barulho de serras cortando madeiras, malhos batendo em ferro, jipes e caminhões para aqui e para ali; poeira muita. Enfim, um trabalho intenso.

O chamado núcleo bandeirante é um terreno onde a Novacap concedeu lotes a quem quizesse estabelecer-se por um prazo de quatro a cinco anos, explorando atividade comercial ou industrial de utilidade para o abastecimento da região durante a construção da nova capital.

Fica fora da área da cidade a ser construída e deverá desaparecer depois da inauguração da nova capital.

Tem crescido de modo vertiginoso.

Em 20 de julho de 1957, contava com 2.212 habitantes, entre os 6.283 que habitam em Brasília. Possui já 342 edificações.

Dois avenidas o cortam longitudinalmente. As casas são de madeira, pois não vale a pena que sejam de outro material, visto que deverem ser demolidas.

Da população total de Brasília, em julho de 1957, 6.283 habitantes, 4.600 são homens e desses homens 3.152 provêm do Estado de Goiás, onde está encravado o Distrito Federal. Em março de 1958, Brasília conta 28.804 habitantes. Entre eles contam-se trabalhadores, carpinteiros, marceneiros, motoristas, pedreiros, mecânicos, tratoristas, eletricitas, bombeiros, engenheiros, médicos, enfermeiros, farmacêuticos, dentistas, sapateiros, tintureiros, lustradores, fotógrafos, barbeiros, radiotelegrafistas, etc.

A Novacap já construiu mais de 220 quilômetros de estradas em torno de Brasília.

Os veículos em serviços distribuem-se em: 136 caminhões, 35 jipes, 42 autopatrões e tratores, 14 camionetas, 5 carros-tanque, 5 rolos compressores.

Existem cerca de 40 motores de combustão interna, com uma potência de 1.200 C.V., que fornecem energia para os diversos trabalhos, inclusive para iluminação dos acampamentos.

De Brasília partem quatro estradas principais, orientadas para os quatro pontos cardiais: uma para Belo Horizonte, uma para Anápolis, uma para Manaus e outra para Planaltina.

O Iapi montou um hospital bem equipado com instalações de raios X, salas de operações, de ortopedia, laboratórios, gabinete dentário, 50 leitos e ambulatório.

A Novacap mantém uma escola primária, frequentada por 300 alunos.

Vai ser inaugurado um prédio novo, com piscina, restaurante, play-ground, etc.

Existe um restaurante do Saps e outro melhor, um posto da Cofap, um posto de Endemias Rurais.

Operam lá quatro agências bancárias: do Banco do Brasil, do da Lavoura de Minas Gerais, do Nacional de Minas Gerais, do de Crédito Real de Minas Gerais, esperando-se as do Banco Real Brasileiro e do Banco do Estado de Goiás.

A Caixa Econômica Federal mantém uma agência.

No núcleo existiam em julho 93 casas comerciais, a saber:

30 armazéns de secos e molhados, 15 casas de tecidos e armarinho, 9 restaurantes, 8 bares, 8 casas de materiais de construção, 5 mercearias, 5 açougues, 3 farmácias, 4 casas de comércio misto, 2 casas de peças para autos, 1 casa de móveis, 1 posto de gasolina, 1 papelaria, e livreria, 1 tipografia e papelaria. Há poucos estabelecimentos industriais, em virtude da falta de energia elétrica, a qual já está sendo providenciada. Assim mesmo, contam-se 2 padarias, 3 oficinas mecânicas, 1 serraria, 3 marcenarias, 1 fábrica de artefatos de cimento.

Existem 13 hotéis e pensões, dispondo de 162 quartos, com capacidade para 380 hóspedes. As diárias são de 360 cruzeiros em média, com refeições e 160 sem elas.

Aviões da Real Aerovias pousam diariamente e três vezes por semana os da Cruzeiro do Sul. Há ainda carreiras da Vasp e do Lóide Aéreo. Não faltam empresas de transporte de carga, principalmente para Anápolis e Goiânia.

Existe agência de correios e telégrafos.

Há o serviço radiotelegráfico da Novacap.

Uma igreja evangélica funciona não longe de uma católica.

O modesto semanário Hora de Brasília dá as informações precisas.

Um pequeno cinema distrai a população. Circula uma linha de ônibus entre o aeroporto e o núcleo bandeirante. Como se vê, há certa vida nesta povoação transitória.

Em Brasília propriamente, além do que já mencionei, nada mais se vê.

Entretanto, num futuro próximo uma firma norte-americana vai dar começo a construção de dezesseis edifícios com estrutura de aço, para os ministérios.

O centro urbano contará com as mais variadas casas comerciais: cinemas de luxo, confeitarias, livrerias, barbearias, casas de modas, etc., em breve começarão a ser construídas.

Não ouvi falar em teatro, mas Brasília não pode deixar de ter a sua ópera.

As embaixadas ficarão em bairro especial. Os autos correrão numa só direção, de modo que não haverá abaloamentos.

Naturalmente não haverá, no transporte, o antiquado processo de bonde.

O abastecimento da água correrá por conta de quatro ribeirões (diz-se que Brasília não tem água) que se reúnem para formar o Paranoá (em tupi, o Paraná nasce), onde se vai fazer uma barragem que formará um lago com dois braços que envolverão o nariz do avião.

Haverá iatismo, natação e outros esportes aquáticos (mas que saudade de Copacabana!).

De um alinho onde se ergue a ermida de S. João Bosco, de estilo modernista, se tem bela vista sobre a capital.

Tomaram-se providências para evitar a praga das favelas.

Diz-se que pedras e tijolos foram transportados de avião para Brasília.

Não estive lá no começo e por conseguinte nada posso afirmar nem negar, mas admito que nos primeiros tempos, em casos excepcionais, se tenha feito isso. Agora porém, não me parece isso possível nem necessário. Há uma pedreira de um quartzito duro, há uma cascalheira capaz de macadamizar duas ou mais Brasília, duas ou três olarias (as que eu vi) fornecem milhares de tijolos. Cogita-se de um colégio militar; naturalmente se cogitará de uma filial do Pedro II. Os salesianos vão construir um internato para mil alunos.

Nada se esquece em Brasília.

Fora do perímetro urbano ficará a pequena indústria com seu artesanato.

Chácaras e sítios rodeação a cidade, criando no Distrito Federal o necessário cinturão verde. Granjas e hortas, ao longo das estradas que vão ter lá, proverão a cidade de aves, ovos, hortaliças, frutas.

Eis o que é e o que será Brasília.

Sou igual a Heródoto. Só conto o que vi. Apesar dos esforços do presidente Juscelino, Brasília pode não ser a capital do Brasil. Dada a nossa falta de continuidade administrativa, não é de admirar que o sucessor do Dr. Juscelino não queira sair do Rio de Janeiro, mas uma coisa é certa: no ponto a que chegou Brasília não pode mais parar. Queiram ou não queiram os oposicionistas sistemáticos, os detratores habituais, lá se erguerá uma grande cidade, o foco de civilização sonhado por S. João Bosco.

E a posteridade não precisará erguer uma estátua ao Presidente Kubitschek.

Mais duradoura do que qualquer estátua de bronze, para lembrar o seu nome basta a cidade que êle fundou.

13. Construção da baragem no rio Paranoá.
(Foto de M. Fontenelle).

Fala o presidente da Novacap

Na Sociedade Mineira de Engenheiros, o Dr. Israel Pinheiro pronunciou uma conferência sobre a futura Capital Federal. A palestra do presidente da Novacap atraiu uma grande massa de pessoas ao auditório da entidade, que ouviu com a maior atenção e interesse a explanação do ilustre conferencista. Inicialmente, o sr. Israel Pinheiro ocupou-se em explicar o projeto do professor Lúcio Costa, vencedor da concorrência para a escolha do Plano Piloto de Brasília. Em seguida, o orador abordou plano rodoviário para a nova Capital, parte do qual está sendo atacado.

Revelou o sr. Israel Pinheiro também o lado humano de Brasília, referindo-se especialmente, ao entusiasmo, à fé inabalável dos trabalhadores e moradores da nova Capital no seu êxito. Entre outras coisas, pôs em relêvo a grande funcionalidade de Brasília, cujos menores detalhes foram meticulosamente estudados pelo professor Lúcio Costa e pelo arquiteto Oscar Niemeyer. Chamou bastante a atenção dos presentes a grande missão do lago artificial de Brasília e que deverá ser de grande beleza panorâmica. Aspectos como o acesso à nova Capital e o seu abastecimento foram amplamente focalizados também pelo conferencista. A fidelidade com que o orador soube narrar o que existe em Brasília e a forma como a cidade funcionará depois de concluída entusiasmou bastante os assistentes. Tanto, que após a conferência numerosas pessoas mostravam-se dispostas a adquirir lotes na nova Capital para ali edificarem residência.

Três Motivos

O escritor Plínio Salgado, em artigo publicado em "A Marcha", estuda pormenorizadamente os três motivos em favor de Brasília: ocupação do território a oeste, defesa nacional na guerra atômica e recomposição no equilíbrio econômico.

Inicialmente o sr. Plínio Salgado comenta: "A fundação de Brasília e a mudança imediata da Capital do País para aquela cidade são imperativos do momento nacional e internacional em que vivemos. Além de persistirem os motivos tão eloqüentemente expostos por Veloso de Oliveira, em 1810, por José Bonifácio, em 1823, por Thomaz Delfino, em 1891 — todos baseados na necessidade de afastar o Governo Central do bulício e das paixões das massas populares que se acumulam nas cidades de elevado índice populacional — outros surgiram, como razões do nosso tempo".

Mais adiante o ilustre homem público escreve: "A mudança da Capital para Brasília vai influir no sentido de corrigir esse desequilíbrio, incrementando a economia de grandes zonas do nosso vasto território.

O brado de alarme dado por Euclides da Cunha em "Os Sertões", mostrando o contraste entre a civilização do litoral e o completo abandono do homem brasileiro além da faixa privilegiada amplia-se hoje com uma ressonância jamais atingida, em face das conseqüências que se fazem sentir nos próprios centros de índices populacionais elevados. É a queda da produção motivada pela falta de dinheiro e de crédito, pela insuficiência de transportes, pela ausência de assistência técnica, de aparelhagem agrícola moderna pelo abandono do homem rural. O encarecimento do custo de vida nas

metrópoles hipertrofiadas liga-se diretamente a esse desequilíbrio orgânico da Nacionalidade.

Assim, a mudança da Capital será o começo de uma descentralização dos recursos indispensáveis ao nosso interior, o primeiro passo para atingirmos um equilíbrio econômico, sem o qual o Brasil não poderia sobreviver.

Estes são os três motivos pelos quais Brasília se impõe ao entusiasmo de todos os nossos patriotas. O governo do sr. Juscelino Kubitschek, quando nada tivesse realizado bastaria Brasília para consagrá-lo na História Política e Administrativa do País. E se tivermos em vista a audaciosa rapidez com que está criando a nova Capital e a firmeza com que tem enfrentado os argumentos dos que raciocinam sem visão de largos panoramas nacionais e internacionais do presente e do futuro, mas adstrigindo-se à paisagem reduzida de problemas de segunda ordem, então podemos considerar Brasília como uma autêntica revolução de mentalidade nacional.

E assim como, em relação ao Rio de Janeiro, podemos dividir a história desta cidade em dois períodos: antes e depois da revolução de Oswaldo Cruz e Pereira Passos, também no futuro se dirá, já então com referência à vida econômica do Brasil, esta frase que honrará o atual Presidente da República: antes e depois de Brasília.

Festa da cumeieira

O Presidente Juscelino Kubitschek presidiu no dia 22, às comemorações do lançamento da cumeieira do primeiro edifício residencial do Instituto dos Bancários, em Brasília, das quais participaram o sr. Israel Pinheiro, o ministro Parsifal Barroso e o prefeito Nelson de Lima.

Após a quebra solene de uma garrafa de champanha, o Presidente da República pronunciou palavras de entusiasmo, com referência às realizações do I.a.p.b. na futura Capital, salientando o fato de ter sido aquele o primeiro edifício, em Brasília, a alcançar o primeiro estágio de cumeieira.

O Presidente ressaltou que o recorde atingido pelo I.a.p.b. deve servir de exemplo às demais autarquias, uma vez que ele representa uma contribuição inestimável para o plano de construção de Brasília. Reiterou, a seguir, a afirmativa de que a transferência da nova capital se efetuará em 21 de abril de 1960.

O sr. Enos Sadok de Sá Mota, presidente da autarquia, declarou, na ocasião, que tendo dado todo o empenho possível à execução das obras do Instituto dos Bancários, em Brasília, em cumprimento às instruções do Presidente da República.

O edifício do I.a.p.b., de linhas modernas e construído sobre pilotis, está com toda a sua parte de estrutura concluída e já em fase de acabamento. Deverá ser inaugurado a 12 de setembro do corrente ano, data da fundação do Instituto dos Bancários. É o primeiro de um conjunto de 11 edifícios com seis andares cada um, totalizando 45 apartamentos de dois ou três quartos, salões e demais dependências. Disporá o conjunto de um gerador e poço artesianos para abastecimento d'água.

Pretende o sr. Enos Sadok de Sá Mota, que em 60 em 60 dias um desses prédios atinja

noticiário

a etapa das fundações e outro a etapa da laje. O projeto arquitetônico é de autoria do arquiteto Oscar Niemeyer, que previu a construção de parques ajardinados, numa área de 50 mil metros quadrados.

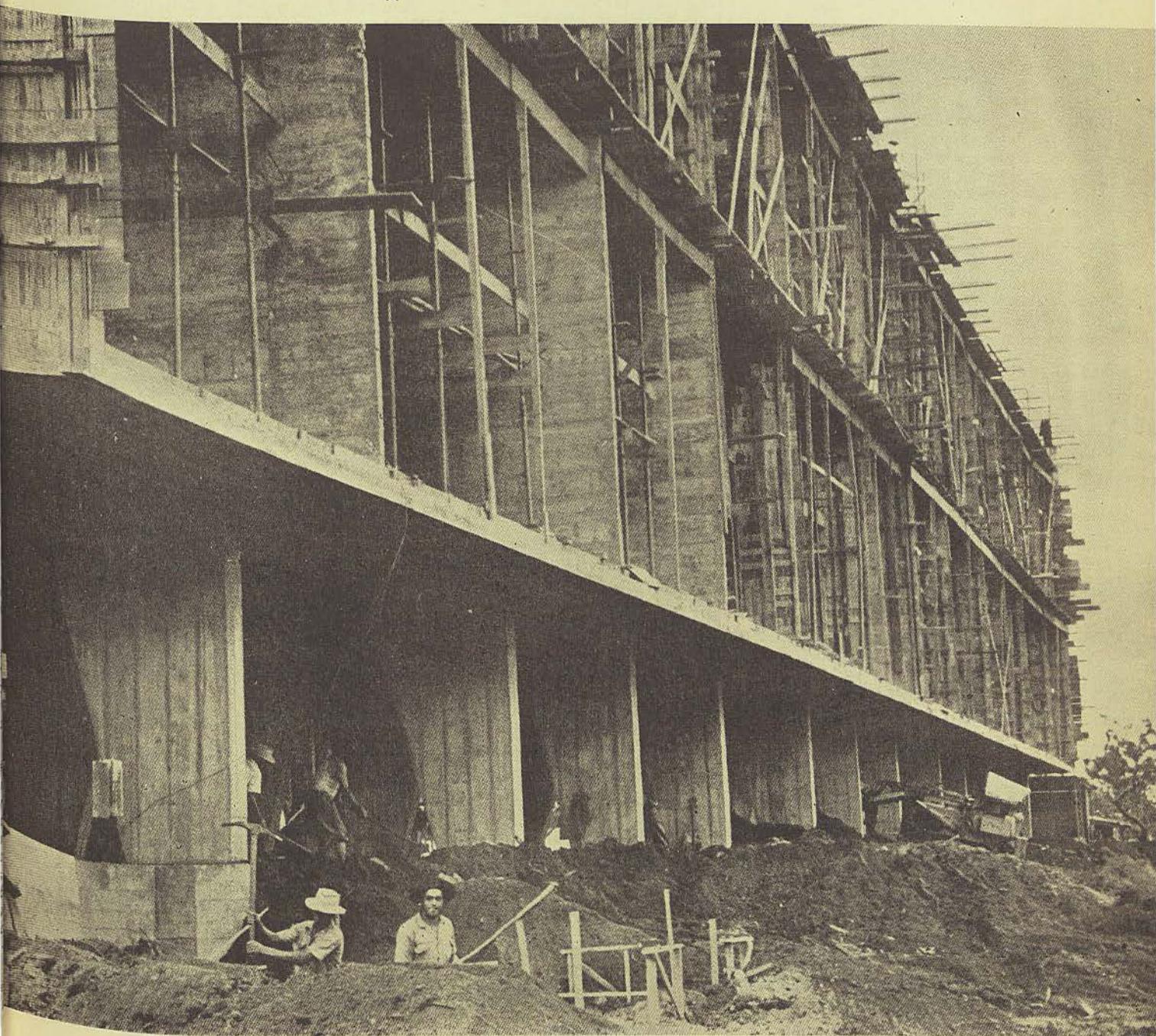
Justifica-se plenamente a existência do mencionado número de apartamentos para os bancários, pois Brasília contará com 32 bancos, de acordo com os cálculos da Novacap. As inversões do I.a.p.b. naquela cidade em nada sacrificam o ritmo de construções do Instituto no resto do país, visto que tais inversões ocorrem por conta da dívida da União para com essa autarquia.

Além do conjunto residencial, exclusivamente para os bancários e suas famílias, o I.a.p.b. construirá o edifício-sede, aparta-

mentos para a administração e uma escola destinada aos filhos dos associados.

Tiveram início as solenidades de sábado com uma missa, celebrada no próprio local das obras, pelo padre Primo, vigário local da Paróquia de Nossa Senhora da Aparecida (Brasília). Seguiu-se o hasteamento da Bandeira pelo Presidente da República, a visita às instalações provisórias da administração e dos serviços, e a subida ao topo da construção, onde o sr. Juscelino Kubitschek deu como lançada a cumeieira. Acompanharam-no todo o tempo os srs. Israel Pinheiro, Presidente da Novacap; Parsifal Barroso, Ministro do Trabalho; Negrão de Lima, Prefeito do Distrito Federal; outras autoridades, jornalistas e numeroso público composto de convidados especiais, engenheiros e operários.

14. Blocos residenciais do I. a. p. b.



Brasília

no exterior

No dia 17 o "Times de Londres, com o título "New Capital City for Brazil", dedica longo estudo à construção da nova capital do Brasil, em Brasília, Estado de Goiás. Declara o grande jornal inglês: "É raro que uma das principais nações do mundo decida construir uma capital partindo do zero. Quando se registra êste acontecimento, apresenta capital importância do ponto de vista arquitetural. É êste o caso de Brasília". Após recordar o histórico da escolha da cidade, declara o jornal que a construção das outras capitais, como Washington, Camberra ou Nova Delhi, não apresentava o mesmo interesse que a construção de Brasília por diversos motivos, simultaneamente geográficos e políticos. O jornal presta homenagem aos projetos do professor Lúcio Costa escolhido como arquiteto da nova capital.

O jornal Neue Zürcher Zeitung, de Zurique escreveu: "Com a presença de um grande número de convidados foi inaugurada no "Amtshaus IV", na Uraniastrasse, uma exposição que, sem grandes preparativos de propaganda, proporcionou uma idéia clara dos empreendimentos urbanísticos ora em construção no coração do Brasil: a edificação da nova capital: Brasília. Essa reunião deu oportunidade para a troca de amáveis e sinceras expressões dos sentimentos amigáveis que ligam o nosso país à grande e ambiciosa nação sul-americana".

O "Clarín", de Buenos Aires, traz uma longa reportagem ilustrada sobre a futura capital brasileira.

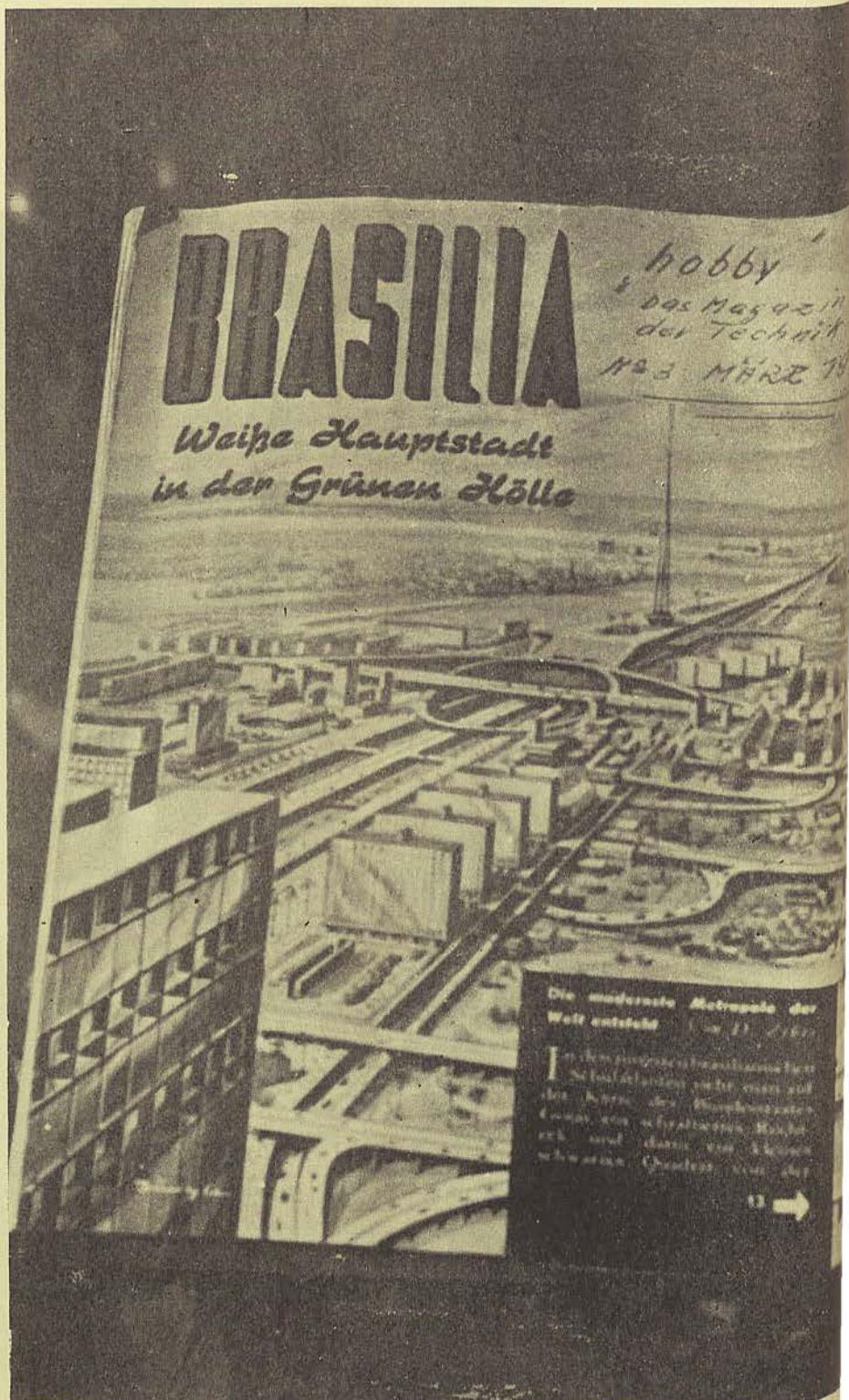
O jornal "Dagbadet", de Oslo, publica um artigo ilustrado e assinado por F. L., com o título: "Brasil planlegger ny hovedstad".

A "Gazette", de Lausanne, publica bem ilustrado: "Un triomphe de l'urbanisme moderne: Le Brésil construit sa nouvelle capitale".

"La Tribune de Geneve: "La capitale de demain: Brasília".

"Espanña", de Tanger: "Brasília, nueva capital del Brasil".

O "Etia" (Lar), de Atenas, o vespertino de maior tiragem na Grécia, publica um longo estudo sobre Brasília intitulado: "No dia 21 de abril de 1960, o Brasil vai ter sua nova capital, para descentralização do imenso país".



Alarico da Silva Costa

Fui, outro dia, a Brasília,
não por prazer, por quezília
para ter de que falar;
e, após vê-la por inteiro,
vim de lá mais brasileiro
Vim... com pena de voltar !

Mais brasileiro, decerto,
porque pude ver de perto
aquela gente viril
forjando, com fôça e brio,
em pleno sertão bravo
o Amanhã do meu Brasil !

O Amanhã que não demora
e que acende, de hora em hora,
no coração do país,
a aurora de um mundo novo
conclamando o jovem povo
para um destino feliz !

O clima, o céu, a planície,
tudo reflete meiguice,
tudo beleza traduz,
e, até onde a vista alcança,
Brasília é um mar de esperança,
é uma epopéia de luz !

Fui à Brasília, outro dia,
e com imensa alegria
posso aos patricios dizer :
— Ponha de lado a quezília,
dêem um salto a Brasília :
— Que maravilha hão de ver !

Doutor S. G. Fanti

No dia 8, para uma visita rápida a Brasília, tendo regressado no mesmo dia, chegou o doutor S. G. Fanti, ilustre psicanalista italiano, domiciliado na Suíça, autor de vários livros entre os quais se destacam "Le fou est normal" e "J'ai peur, docteur...".

Embaixador do Japão

No mesmo chegou o embaixador do Japão, sr. Ioshiro Ando, acompanhado do seu secretário particular, Koichiro Naritomi. O ilustre embaixador percorreu várias outras granjas localizadas nas proximidades do Plano Piloto que estão arrendadas pela Companhia a seus patrícios e se acham já em franca produção.

Ainda no dia 8, Brasília recebeu 40 componentes do congresso de reitores de universidades rurais e diretores de escolas de agronomia e veterinária de todos os Estados do Brasil, que estiveram reunidos no Rio com o concurso de técnicos e professores e do Magnífico Reitor da Universidade Rural "Purdue University", de Lafayette, Indiana, USA, Earl L. Butz.

Após percorrerem as obras de Brasília, todos se mostraram admirados e surpresos por encontrarem, nesta região, um nível elevado de desenvolvimento agrícola, vaticinando o Magnífico Reitor Earl L. Butz um esplêndido futuro para a agricultura nesta zona.

Honrosa visita

Brasília recebeu a visita de Rosemary Poter, vindo diretamente de Londres.

Essa visita teve um significado todo especial para a Novacap e para o Brasil, porquanto Miss Porter é bisneta do jornalista brasileiro Hipólito José da Costa que manteve em Londres, na primeira metade do século XIX, o jornal "Correio Brasiliense", em cujas colunas se bateu pela mudança da Capital Brasileira para o Planalto Central.

Jornalista Erik Hj. Linder

Vindo diretamente de Estocolmo para proceder a uma reportagem completa sobre Brasília, chegou o jornalista Erik Hj. Linder, redator-chefe do "Morgon-Bladet", (Jornal da Manhã), importante órgão da imprensa da Capital sueca.

Fêz uma cobertura completa das obras da Novacap, regressando no dia seguinte.

Com. Peter Collins e Mac Cue

A fim de escolherem o local onde vai ser construída a sede da embaixada dos Estados Unidos, estiveram os snrs. Comandante Peter Collins e Mac Cue.

Senadores e Deputados

Para visitarem os trabalhos de construção de Brasília, aqui estiveram os senadores Juracy Magalhães, presidente da UDN nacional e Ruy Palmeira; os deputados Herbert Levy, Correia da Costa, Ernesto Saboia e Dantas Júnior e os próceres udenistas Hélio Beltrão, José Álvaro Feio, general Ademar Rocha e Nilo Nemi.

Foram recebidos no aeroporto pelo presidente Israel Pinheiro pelos diretores Iris Meinberg e Bernardo Sayão e, acompanhados por estes, percorreram todos os serviços da Companhia.

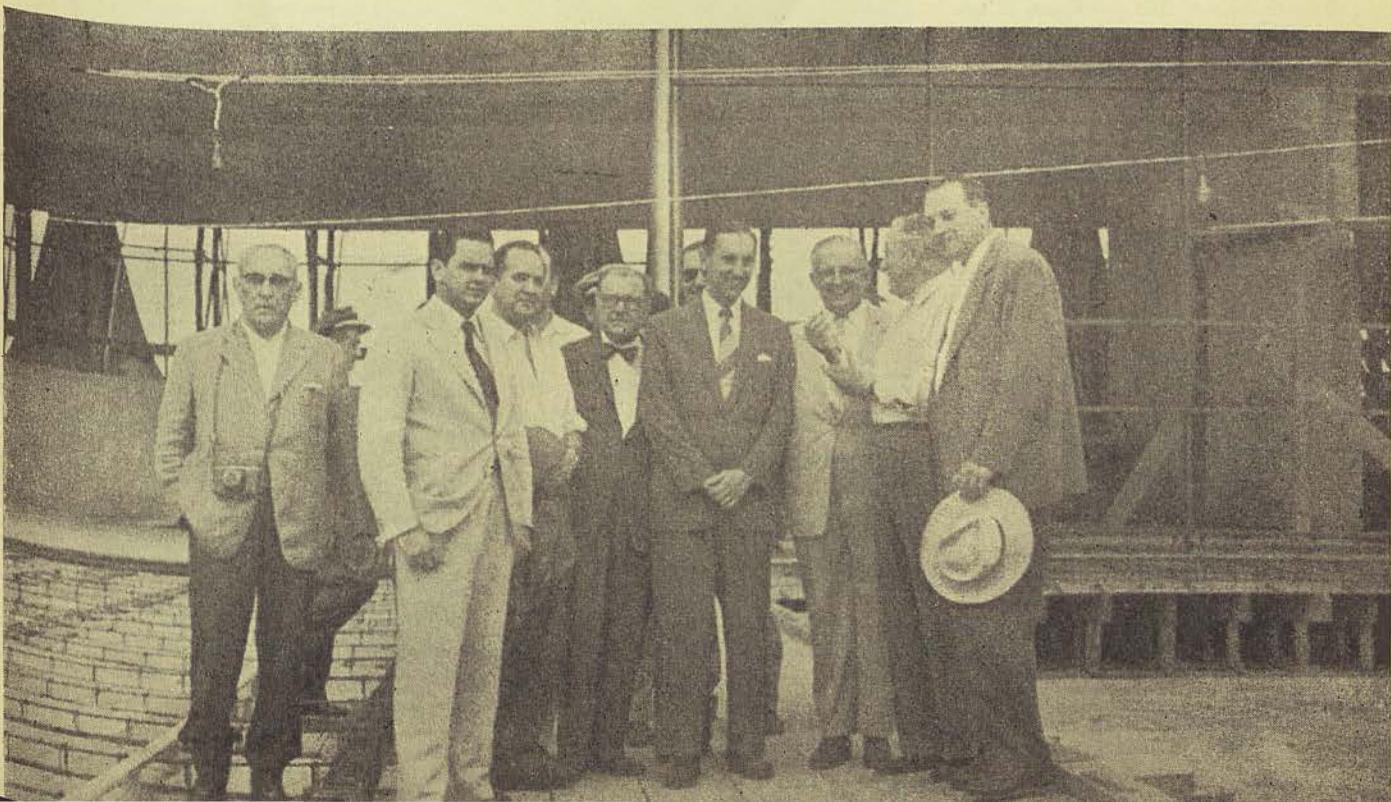
Presidente da República

No dia 21 chegou o Presidente da República e sua comitiva composta do prefeito do Rio de Janeiro embaixador Francisco Negrão de Lima, arquiteto Oscar Niemeyer, Geraldo Lemos, Carlos Teixeira, ministro Sette Câmara, Caio Coelho, Francisco Assis Barbosa, Tales Rocha Viana, coronel Lino Teixeira, tenente-coronel Dilermando Silva e Benedito Nunes, sendo recebido pelo Dr. Israel Pinheiro, diretores Ernesto Silva, Iris Meinberg e Bernardo Sayão.

No dia seguinte, 22 pela manhã, percorreu as Casas Populares, Eixo Rodoviário, Eixo Monumental, Zona Bancária, Esplanada dos Ministérios, Praça dos 3 Poderes, Palácio da Alvorada, voltando novamente pelo Eixo Monumental até o Cruzeiro onde seguiu para a super-quadra 108 da asa residencial Sul, onde presidiu à cerimônia da inauguração da última lage do 1º. bloco de apartamentos de Brasília, construído pelo I.a.p.b. No dia 23, pela manhã, visitou a barragem, o canal, o castelo d'água e a usina Saia Velha, nas proximidades da linha divisória do Distrito Federal com o município de Luziânia, a 15 km do Palácio do Gama.

Essa usina piloto, construída pela Companhia aproveitando a cachoeira do ribeirão Saia Velha, se destina a abastecer Brasília nos seus primeiros tempos, revertendo em benefício de Luziânia posteriormente.

Já estão concluídos as barragem, a usina com uma turbina de 250 HP (devendo ser montada outra com a mesma potência), o conduto forçado e o canal.



Cumeira do 1º. bloco

Todos os Institutos de Previdência estão construindo na asa Sul blocos residenciais de 6 pavimentos em ritmo acelerado, a saber: Ipase 33, Iapetc 22, Iapc 22, Iapi 22, Iapb 11 e Cef (Caixa Econômica Federal) 11.

Entre eles foi o Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Bancários (Iapb) o que logrou concluir em primeiro lugar a última laje de um dos blocos de 6 andares, edificado na super-quadra 108, asa Sul da Zona Residencial.

Base aérea de Brasília

A fim de inaugurar os vôos de aviões do Destacamento da Base aérea de Brasília, e fazer entrega do 1º. avião da esquadrilha aqui sediada e inspecionar os trabalhos de construção dos edifícios provisórios dessa unidade, aqui chegou o Ministro da Aeronáutica major brigadeiro Francisco Assis Corrêa de Mello em companhia do diretor Iris Meinberg.

O Ministro realizou então a entrega solene do 1º. avião da esquadrilha ao major Fran-

cisco Assis Lopes, comandante da Base, pronunciando ligeiras palavras sobre a significação do ato.

Jornalista Andy Kohlshutter

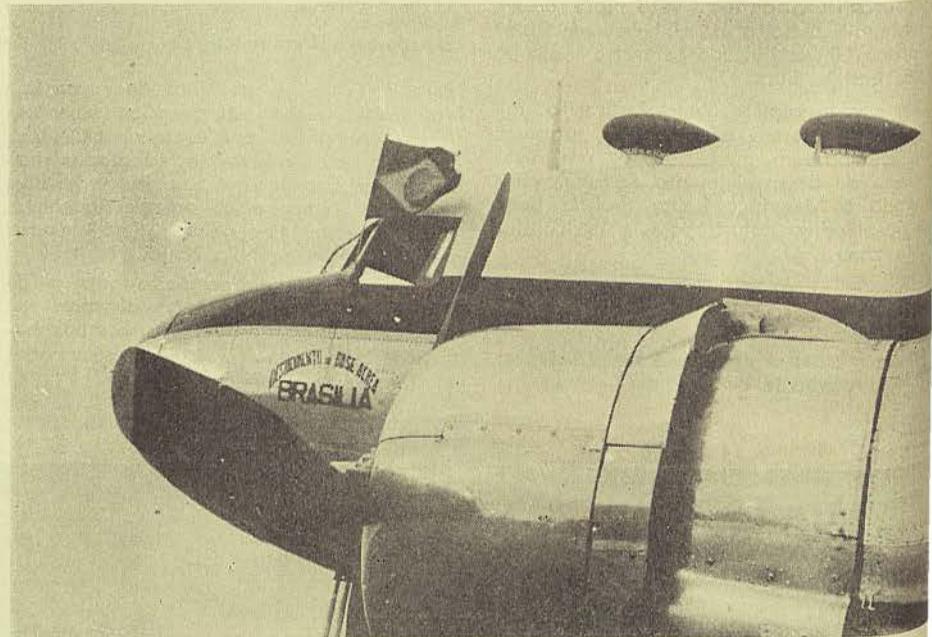
Para uma visita e cobertura jornalística de Brasília, chegou o jornalista Andy Kohlshutter, da Universidade de Colorado, enviado pelo programa "Povo a Povo" promovido pelo presidente Eisenhower.

Veio representando os periódicos "Denver Post", "Kansas City Star" e "Shelbyville News".

William Irvin

Convidado pelo presidente Israel Pinheiro, veio de Nova Iorque especialmente para estudar o local para a construção de um grande hotel, o vice-presidente da Hilton International Corporation, Sr. William Irvin. A Hilton International é a maior organização hoteleira do mundo, mantendo hotéis em mais de 20 países, a começar pelo conhecido Waldorf Astoria, de Nova Iorque. Tendo escolhido o local, regressou ao Rio no dia seguinte.

21



22



21. Primeiro avião do Destacamento da Base Aérea de Brasília.

22. O Ministro da Aeronáutica e o Dr. Iris Meinberg, visitando a Base Aérea de Brasília. (Fotos de M. Fontenelle).

ano II — Março de 1958 — n.º 15
Companhia Urbanizadora da Nova Capital
do Brasil — Novacap (Criada pela Lei n.º
2.874, de 19 de setembro de 1956). Sede:
Brasília. Escritório no Rio, av. Almirante
Barroso, 54 - 18.º andar.

Atos da Diretoria

Ata da sexagésima primeira reunião da Diretoria da Companhia Urbanizadora da Nova Capital do Brasil.

Aos cinco dias do mês de fevereiro de mil novecentos e cinquenta e oito, às dez horas, no escritório da Companhia Urbanizadora da Nova Capital do Brasil, sito na Avenida Almirante Barroso, cinquenta e quatro, décimo oitavo andar, reuniu-se a Diretoria da Companhia, com a presença do Presidente Doutor Israel Pinheiro da Silva e dos Diretores Ernesto Silva e Íris Meinberg. Deixou de comparecer o Doutor Bernardo Sayão por se encontrar em Brasília. Aberta a sessão resolveu a Diretoria encaminhar ao Conselho de Administração, nos termos do art. 21 da Lei 2.874, de 19 de setembro de 1956, a dispensa de concorrência pública para a construção das lajes e pisos dos Ministérios em Brasília. Nada mais havendo a tratar, o senhor Presidente deu por encerrada a sessão, da qual, para constar, lavrei a presente Ata que, lida e achada conforme vai assinada pelos Membros da Diretoria presentes e subscrita por mim, José Pereira de Faria, que servi como secretário. Israel Pinheiro, Ernesto Silva, Íris Meinberg.

Ata da sexagésima segunda reunião da Diretoria da Companhia Urbanizadora da Nova Capital do Brasil.

Aos doze dias do mês de fevereiro de mil novecentos e cinquenta e oito, às dez horas, no escritório da Companhia Urbanizadora da Nova Capital do Brasil, sito na Avenida Almirante Barroso, cinquenta e quatro, décimo oitavo andar, reuniu-se a Diretoria da Companhia, com a presença do

Presidente Doutor Israel Pinheiro da Silva e dos Diretores Doutores Ernesto Silva e Íris Meinberg. Deixou de comparecer o Doutor Bernardo Sayão por se encontrar em Brasília. Aberta a sessão pelo senhor Presidente, decidiu a Diretoria, à vista do parecer da Auditoria, aprovar o Regulamento de Pessoal e a organização interna da Divisão do Pessoal. Nada mais havendo a tratar, o senhor Presidente deu por encerrada a sessão, da qual, para constar, lavrei a presente Ata que, lida e achada conforme, vai assinada pelos Membros da Diretoria presentes e subscrita por mim, José Pereira de Faria. Israel Pinheiro, Ernesto Silva, Íris Meinberg.

Ata da sexagésima terceira reunião da Diretoria da Companhia Urbanizadora da Nova Capital do Brasil.

Aos vinte e seis dias do mês de fevereiro de mil novecentos e cinquenta e oito, às dez horas, no escritório da Companhia Urbanizadora da Nova Capital do Brasil, sito na Avenida Almirante Barroso, cinquenta e quatro, décimo oitavo andar, reuniu-se a Diretoria da Companhia, com a presença do Presidente Doutor Israel Pinheiro da Silva e do Diretor Ernesto Silva. Deixaram de comparecer os Diretores Bernardo Sayão e Íris Meinberg por se encontrarem em Brasília. Não havendo número legal deixou de se realizar a sessão, de que, para constar, lavrei a presente Ata que, lida e achada conforme, vai assinada pelos Membros da Diretoria presentes e subscrita por mim, José Pereira de Faria, na qualidade de secretário. Israel Pinheiro, Ernesto Silva.

Atos do Conselho

Ata da quadragésima quarta reunião do Conselho de Administração da Companhia

Diretoria

Presidente :
Dr. Israel Pinheiro da Silva.
Diretores :
Dr. Bernardo Sayão de Carvalho Araújo.
Dr. Ernesto Silva.
Dr. Íris Meinberg.

Conselho de Administração

Presidente :
Dr. Israel Pinheiro da Silva.
Membros :
Dr. Adroaldo Junqueira Aires.
Dr. Alexandre Barbosa Lima Sobrinho.
Dr. Aristóteles Bayard Lucas de Lima.
Dr. Epílogo de Campos.
General Ernesto Dornelles.
Dr. Tancredo Godofredo Viana Martins.
Dr. Erasmo Martins Pedro, secretário.

Conselho Fiscal

Membros :
Dr. Herbert Moses.
Dr. Luiz Mendes Ribeiro Gonçalves.
Major Mauro Borges Teixeira.
Dr. Vicente Assunção, suplente.
Dr. Themístocles Barcellos, suplente.

Urbanizadora da Nova Capital do Brasil, sob a presidência do Doutor Israel Pinheiro da Silva.

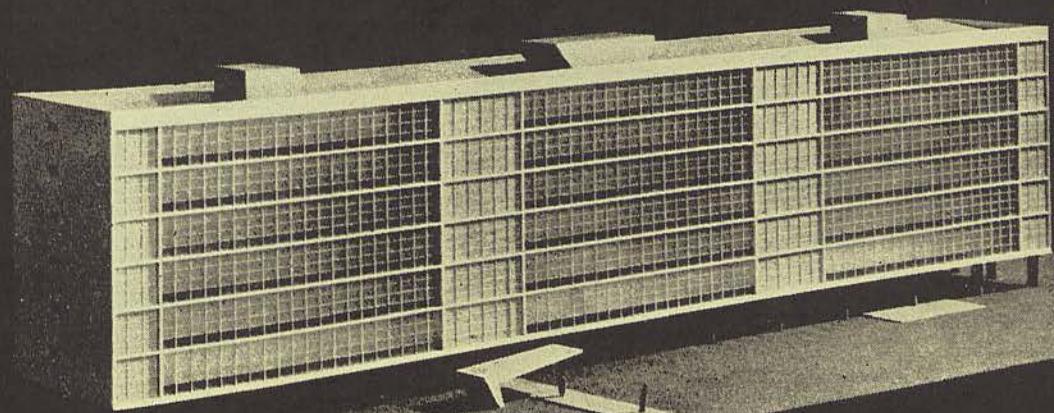
Aos doze dias do mês de fevereiro do ano de mil novecentos e cinquenta e oito, nesta cidade do Rio de Janeiro, na Avenida Almirante Barroso, cinquenta e quatro, décimo oitavo andar, às dez horas, reuniu-se o Conselho de Administração da Companhia Urbanizadora da Nova Capital do Brasil, sob a presidência do Doutor Israel Pinheiro da Silva, e com a presença dos Conselheiros abaixo assinados. Lida e aprovada a Ata da sessão anterior, o senhor Presidente comunicou ao Conselho que se achavam concluídos os estudos para a criação, pela Novacap, do Departamento de Organização da Nova Capital, sendo distribuídas aos senhores Conselheiros cópias do trabalho para exame e posteriores sugestões. Em seguida, o senhor Presidente submeteu à apreciação do Conselho a proposta apresentada pela Diretoria para que fôsse dada autorização a fim de contratar, com a firma Geofoto S. A., independente de concorrência, a execução do levantamento aerofotogramétrico de todo o novo Distrito Federal, em escala de 1.25.000 (um por vinte e cinco mil), com curvas de nível de 5 (cinco) em 5 (cinco) metros. Justificando-se a dispensa de concorrência, uma vez que a firma Geofoto S. A. já possui todo o levantamento fotográfico da região, a que lhe possibilita rapidez na execução, bem como apreciável economia, pois não necessitará de novo levantamento fotográfico do novo Distrito Federal, o que forçosamente teria de ser feito por outra empresa. O Conselho, em face dessa justificativa, autorizou a dispensa de concorrência administrativa, na forma do item a, do art. 21, da Lei 2.874, de 19 de setembro de 1956. Decidiu, ainda, o Conselho, por unanimidade : a)

fixar o preço do terreno destinado à construção de lojas no setor bancário e comercial de Brasília, em Cr\$ 5.000,00 (cinco mil cruzeiros) por metro quadrado de construção nele efetuada, incluindo-se nesse preço a projeção do sub-solo, retificando, assim, o resolvido em sua trigésima quarta reunião, realizada em 6 de novembro de 1957; b) fixar definitivamente em Cr\$ 18.000,00 (dezoito mil cruzeiros) o preço do metro quadrado de terreno destinado à construção de edifícios de doze pavimentos no setor bancário de Brasília. Nesse preço se inclui o sub-solo correspondente à área projetada do edifício; c) fixar em Cr\$ 1.500,00 (hum mil e quinhentos cruzeiros) o preço do metro quadrado do sub-solo que exceda à projeção vertical do edifício e das lojas que integram o conjunto. Ainda resolveu o Conselho, atendendo à redução dos módulos das lojas, feita pelo Departamento de Arquitetura e Urbanismo, reduzir proporcionalmente o preço do terreno para lojas, fixado anteriormente em sua trigésima reunião, realizada em 5 de outubro de 1957, para Cr\$ 200.000,00 (duzentos mil cruzeiros) e Cr\$ 150.000,00 (cento e cinquenta mil cruzeiros), respectivamente nas primeiras e segundas quadras, retificando, assim o resolvido na referida trigésima reunião. Igualmente o Conselho autorizou a Diretoria a colocar à venda os terrenos situados no setor sul do Plano Piloto de Brasília. Nada mais havendo que tratar, o senhor Presidente encerrou a sessão, da qual, para constar, eu Erasmo Martins Pedro, secretário do Conselho, lavrei a presente Ata, que vai por mim assinada e encerrada pelo senhor Presidente Israel Pinheiro, Epílogo de Campos, Bayard Lucas de Lima, Barbosa Lima Sobrinho, Ernesto Dornelles, A. Junqueira Ayres.

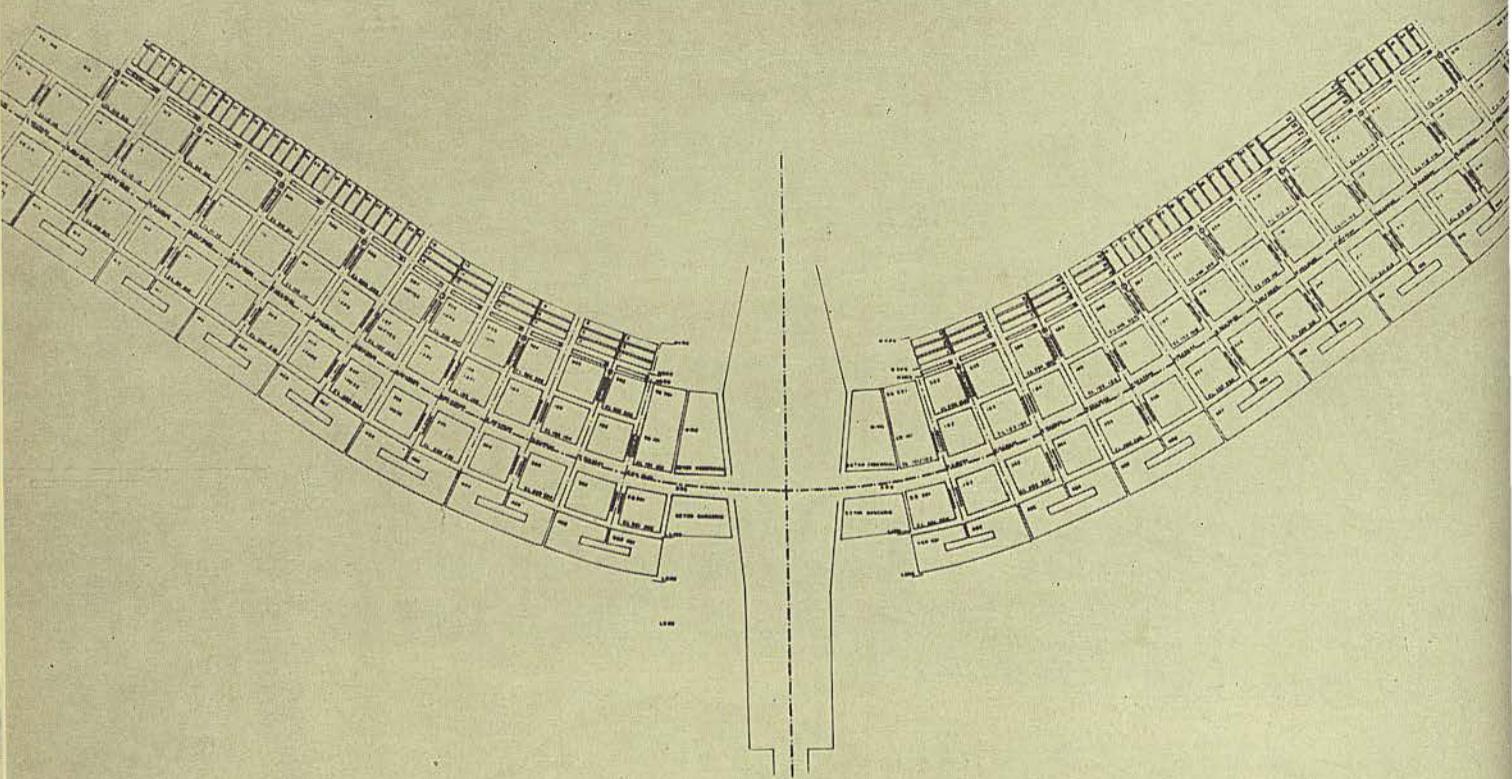
Ata da quadragésima quinta reunião do Conselho de Administração da Companhia Urbanizadora da Nova Capital do Brasil, sob a presidência do Doutor Israel Pinheiro da Silva.

Aos vinte e seis dias do mês de fevereiro de mil novecentos e cinquenta e oito, nesta cidade do Rio de Janeiro, na Avenida Almirante Barroso, cinquenta e quatro, décimo oitavo andar, às dez horas, reuniu-se o Conselho de Administração da Companhia Urbanizadora da Nova Capital do Brasil, sob a presidência do Doutor Israel Pinheiro da Silva, e com a presença dos Conselheiros abaixo assinados. Lida e aprovada a Ata da sessão anterior, o senhor Presidente submeteu à apreciação do Conselho de Administração, para os efeitos do artigo 21, da Lei nº. 2.874, de 19 de setembro de 1956, a proposta da Diretoria no sentido de ser firmado um contrato entre a Novacap e a firma individual Paulo Wettertin, para desmatamento, desmatamento, limpeza e serviços complementares do leito do futuro lago de Brasília, numa área total de quatro mil hectares, sendo o serviço executado por administração contratada, na base de 10% (dez por cento), e orçada em Cr\$ 16.000.000,00 (dezesseis milhões de cruzeiros), com prazo máximo de execução a findar-se em 30 de dezembro de 1958, e diretamente fiscalizado pelo Departamento de Terras e Agricultura da Novacap. O Conselho de Administração, atendendo à natureza especialíssima dos trabalhos, ao

prazo improrrogável para sua execução e aos fundamentos constantes da proposta da Diretoria, resolveu autorizar a dispensa de concorrência, na forma do art. 21, letra b, da Lei 2.874, de 19 de setembro de 1956. Em seguida, o senhor Presidente submeteu ao Conselho o requerimento da Cooperativa dos Rodoviários Limitada, solicitando a doação de uma área de terra onde possa edificar prédios destinados aos seus serviços de escritório, de armazém e médico-hospitalares. O Conselho, depois de examinar o pedido, resolveu autorizar à Diretoria doar à Cooperativa dos Rodoviários Limitada apenas a área destinada à instalação de um armazém para abastecimento. Quanto às áreas com destinação diversa, resolveu o Conselho que a sua doação será objeto de posterior exame, à medida que lhe sejam formuladas propostas concretas. Em seguida, submeteu o senhor Presidente à consideração do Conselho a proposta da Diretoria no sentido de ser realizada concorrência administrativa para execução das funções dos edifícios do Palácio de Despachos da Presidência da República e do Supremo Tribunal Federal, em Brasília. Justifica-se a realização de concorrência administrativa não só pela conveniência de limitá-la a firmas de comprovada idoneidade, como pela premência de tempo para a execução das obras. O Conselho, usando da competência que lhe atribui o art. 21, item b, da Lei 2.874, de 19 de setembro de 1956, autorizou a dispensa de concorrência pública, aprovando a concorrência administrativa e a relação de firmas constantes da proposta, e, ainda, a respectiva carta-convite, de número 9 (nove). Finalmente, o senhor Presidente solicitou ao Conselho manifestar-se sobre a proposta formulada pela Diretoria no sentido de serem adjudicadas à firma Camargo Corrêa as seguintes obras: construção da barragem de captação de água do córrego Torto; atêrro na travessia do Riacho Fundo, na estrada de acesso Eixo Residencial-Aeroporto; e outros serviços de terraplanagem mecânica na área do perímetro urbano, pelos mesmos preços com os quais essa firma venceu a concorrência e vem executando os serviços na estrada Anápolis-Brasília. O Chefe do Departamento de Viação e Obras justificou a proposta considerando: 1. que a terraplanagem para implantação do plano de urbanização de Brasília vem crescendo em cada novo detalhe que se apresenta; 2. que o prazo de que se dispõe para execução desses serviços é exíguo, não permitindo prorrogações; 3. que o preço é 14% (catorze por cento) mais baixo do que a atual tabela do Departamento Nacional de Estrada de Ferro, redução possível pelo fato de já ter a firma a maquinaria em Brasília. O valor aproximado do contrato deverá ser de Cr\$ 9.000.000,00 (nove milhões de cruzeiros). O Conselho, por unanimidade, aprovou a proposta, na forma do art. 21, item a, da Lei nº. 2.874, de 19 de setembro de 1956. Nada mais havendo que tratar, o senhor Presidente encerrou a sessão, da qual, para constar, eu Erasmo Martins Pedro, secretário do Conselho, lavrei a presente Ata, que vai por mim assinada e encerrada pelo senhor Presidente. Israel Pinheiro, A. Junqueira Ayres, Ernesto Dornelles, Barbosa Lima Sobrinho, Bayard Lucas de Lima, Epílogo de Campos.



ADQUIRA SEU TERRENO EM BRASÍLIA



**JÁ SE ACHAM DISPOSTOS À VENDA,
NOS ESCRITÓRIOS DA NOVACAP,
OS TERRENOS DE BRASÍLIA,
NAS ZONAS COMERCIAIS E RESIDENCIAIS.**

Senado Federal



SEN00170585